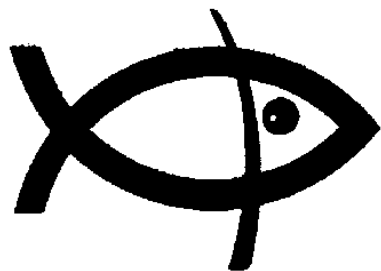


História da Formação do Novo Testamento

(Síntese)



Pinheiro Martins

Pinheiro Martins

**História da Formação
do Novo Testamento**
(Uma síntese)

ERRATA

*Na página 58, como início do primeiro parágrafo,
leia-se:*

Chegando à porta do quarto céu, Paulo assiste
ao "julgamento" ...

Edições CELD
1993

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO - Uma Síntese
Pinheiro Martins

1ª Edição - Julho de 1993 - 5.000 exemplares

L 0400793

Revisão: *Albertina Augusta Escudeiro Sêco*

Composição: *Tatiana Silva dos Santos e Nilzett Araujo Thimóteo*

Capa: *Rogério Motta e Jefferson Borges*

Diagramação e Arte Final: *Jefferson Borges*

Ficha Catalográfica feita-na-Editora
CIP - Brasil - Catalogação-na-fonte

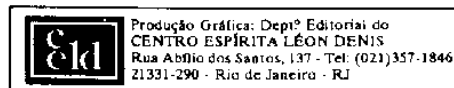
226 M386h	Martins, Sebastião Pinheiro, 1967 - HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO NOVO TESTAMENTO - Uma Síntese, / Sebastião Pinheiro Martins. - Rio de Janeiro: Edições CELD, 1993. 86p. ; 18,5cm. Inclui bibliografia ISBN - 85-7297-006-1 I. Bíblia.N.T. Evangelhos - Crítica, interpretação, etc. I. Título
W.Gualberto CRB/7-1288	CDD - 226

Índices para o catálogo sistemático:

1. Bíblia - 220
2. Bíblia.N.T. - 225
3. Bíblia.N.T. Evangelhos - 226

"Se puder carregar todo o jugo do Senhor, você será perfeito. Se isso não for possível, faça o que puder."

DIDAQUÉ VI, 2



SUMÁRIO

Apresentação	7
Introdução	9
Capítulo I Os Supostos Autores	11
Capítulo II O Idioma	25
Capítulo III A Cronologia dos Documentos	35
Capítulo IV A Formação do Cânone	42
Capítulo V Algumas Considerações sobre a Literatura Apócrifa ...	51
Capítulo VI Ocultação e Destruição de Textos	54
Capítulo VII Alterações nos Textos	62
Conclusão	74
Apêndice I Quadro Geral da Evolução do Cânone do Novo Testamento	75

Apêndice II	
Algumas Passagens do "Evangelho de Tomé"	79
Bibliografia	82

APRESENTAÇÃO

Todos os que se interessam pelas relações entre o Cristianismo primitivo e a Doutrina Espírita, chamada de Cristianismo Redivivo pelos Espíritos Superiores que orientam o movimento espírita no Brasil, hão de ter recebido com alegria e mesmo com emoção a notícia das descobertas arqueológicas que, desde algumas décadas, têm feito estremecer os pilares dos estudos bíblicos, especialmente os relativos ao "Novo Testamento".

Até o momento em que os "Manuscritos do Mar Morto" e os documentos da "biblioteca" de Nag Hammadi começaram a ser conhecidos, primeiro pelos eruditos e depois por todo o mundo culto, os esforços dos estudiosos se ressentiam da falta de fontes não contaminadas pela manipulação, ingênua ou maliciosa, dos detentores do poder religioso naqueles tempos remotos.

Com os novos documentos, mantidos intocados durante dezesseis ou dezessete séculos, graças certamente à prudência de homens convictos do seu valor, mas também pelos cuidados e pela sabedoria dos Espíritos que velam pela evolução da Humanidade, uma nova moldura e detalhes mais precisos nos ajudam a apreciar a paisagem religiosa e social em que afloraram a mensagem renovadora do Evangelho e a figura ímpar de Jesus de Nazaré.

Expressões e conceitos, alguns que alimentaram, durante séculos, malabarismos teológicos para sua suposta interpretação e outros que permaneciam enigmáticos, sem a chave necessária à sua decifração, começam a encontrar seu lugar no contexto da vida real, dos entrecosques das correntes de pensamento que agitavam não

somente a pequena Palestina, mas todo o mundo civilizado de então. Começam a assumir a sua dimensão verdadeira e iluminam então uma visão do mundo que mais e mais se assemelha àquela que, ressalvada a forma literária apropriada à época, é a visão passada pela Doutrina Espírita. Esta se apresenta, cada vez com mais nitidez, como a Revivescência do Cristianismo.

Esta é a vertente à qual pertence este trabalho. A sua publicação intenta trazer aos estudiosos espíritas uma contribuição valiosa para que a verdadeira imagem do Cristianismo seja conhecida, despida dos enfeites místicos herdados, mau grado nosso, das religiões tradicionais. Muito se colherá, temos certeza, deste campo de estudos; ele é mais um dos instrumentos da renovação das estruturas religiosas que marca claramente este fim de ciclo.

Quanto ao autor, o nosso companheiro Sebastião Pinheiro Martins, com apenas 25 anos, mereceu de Hermínio C. Miranda, pioneiro da divulgação destes assuntos entre os espíritas brasileiros, a qualificação, que pedimos vênica para publicar, de "...pessoa que tem o que dizer e sabe fazê-lo."

MAURO OPERTI

INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro, como o seu próprio título indica, é o de oferecer uma síntese, um resumo da história da elaboração da coletânea de textos básicos da doutrina cristã, que hoje denominamos "Novo Testamento". Trata-se de uma história, em certos momentos, um tanto quanto conturbada, com episódios de incineração de manuscritos, de traduções deformantes, de acréscimos de palavras, frases e até capítulos inteiros a textos que, na verdade, dispensariam estes acréscimos. Sem contar, claro, as falsificações de cartas do apóstolo Paulo. Devido a tantos detalhes deprimentes, ainda mais em se tratando da composição de textos evangélicos, esforçamo-nos em não sacrificar o leitor com narrativas pormenorizadas. Optamos, assim, por um texto sucinto e direto.

Optamos também, aliás, por uma introdução sucinta e direta. Passemos logo, portanto, ao livro em si.

Capítulo I

OS SUPOSTOS AUTORES

"A história da transmissão de um texto é sempre a dos homens que sobre ele trabalharam. De uma maneira mais flagrante, a história da transmissão dos dados recolhidos pela devoção popular, acerca da vida, da paixão e da morte de Jesus, não é mais do que a história das gerações cristãs dos primeiros séculos."

Ambrogio Donini (1)

Quem quer que, alguma vez, tenha folheado o Novo Testamento, deve ter percebido que os evangelhos são intitulados da seguinte forma: "Evangelho *SEGUNDO* São Mateus", "Evangelho *SEGUNDO* São Marcos", "Evangelho *SEGUNDO* São Lucas" e "Evangelho *SEGUNDO* São João" (os grifos são nossos). Esses títulos parecem nos sugerir que os evangelhos foram escritos – pelo menos na forma que têm hoje – não diretamente por Mateus, Marcos, Lucas e João, mas por outras pessoas, que se basearam nos depoimentos e anotações desses evangelistas.

Um fator importante deve ser considerado quando tratamos desse assunto delicado que é a redação dos textos originais dos evangelhos: os apóstolos e demais discípulos do Cristo eram, em sua maior parte, pescadores e camponeses analfabetos, pois a grande maioria da

priota convertido ao cristianismo, para trabalhar na comunidade de Antioquia da Síria (At XI, 25). Em 44, os dois levaram a Jerusalém o resultado de uma coleta da comunidade de Antioquia (At XI, 30).

De Antioquia, no ano 45, Paulo partiu, junto com Barnabé e o sobrinho deste, João Marcos, (autor do evangelho que leva o seu nome) para a primeira grande viagem missionária, que os levaria a Chipre e às províncias meridionais da Ásia Menor (atual Turquia) e duraria quase três anos (At XIII, 1 – XIV, 28). Terminada essa viagem missionária, dirigiu-se, com Barnabé, à Jerusalém, para participar do Concílio Apostólico (ano 49) onde ficou decidido que ele e Barnabé se encarregariam da evangelização dos pagãos, enquanto Tiago, irmão do Senhor, Pedro e João cuidariam dos Judeus (Gl II, 9-10).

A segunda viagem missionária de Paulo foi realizada em companhia de Silas e também durou cerca de três anos: de 49 a 52 d.C. (At XV, 36 – XVIII, 22; cf. At XV, 40).

O Evangelho foi introduzido, então, na Europa: Paulo exerceu atividade missionária nas cidades Macedônicas de Filipos (49-50 d.C.), Tessalônica e Beréia (50-51). Dirigiu-se, depois, à Grécia, pregando em Atenas e Corinto. Finalmente, voltou a Antioquia (51-52).

Em sua terceira viagem missionária (de 53 a 58 d.C.), Paulo contou com a colaboração de Lucas, Timóteo e Tito (At XVIII, 23 – XXI, 17). Sua mais importante parada foi em Éfeso, onde ficou de 54 a 57. Exerceu depois atividade missionária na Macedônia e na Ilíria (Rm XV, 19), chegando a Corinto em 57 e 58. De Corinto partiu para Jerusalém.

Em Jerusalém, Paulo foi acusado injustamente de ter introduzido um pagão no templo e quase foi linchado (At XXI, 27 ss). Preso pelos Romanos, foi, depois, enviado para Cesaréia (At XXIII, 23 ss). Tendo apelado para César (At XXV, 11), foi enviado à Roma (At XXVII, 1–XXVIII, 16).

Chegando a Roma por volta do ano 61, foi-lhe permitido esperar julgamento em prisão domiciliar, em casa por ele alugada. Ali recebia pessoas, pregava e escrevia. Tal situação durou dois anos (61 a 63), mas o que aconteceu depois não sabemos com certeza: a narrativa dos "Atos dos Apóstolos" acaba aqui (At XXVIII, 16.30 s).

Fontes extrabíblicas levaram alguns a concluir que Paulo teria sido libertado em 63, viajando, em seguida, para a Espanha (63/64), dali partindo para o Oriente e depois para Creta (64-66). Em 65 ou 66 teria estado em Nicópolis, cidade da Macedônia. Foi novamente preso, sendo decapitado em Roma, no ano 67. Uma outra versão, contudo, pretende que Paulo tenha sido executado por ocasião das perseguições promovidas por Nero no ano 64. (6)

Acredita-se, hoje em dia, que os evangelhos tenham sido escritos depois das Cartas de Paulo, provavelmente quando ele já estava, até, desencarnado.

Papias, bispo de Hierápolis (c. 60 - c. 135 d.C.), teria afirmado que João Marcos, sobrinho de Barnabé, servia de intérprete ao apóstolo Pedro quando este pregava aos gentios, pois o humilde pescador da Galiléia não sabia falar outro idioma senão o aramaico. Marcos traduzia, então, a pregação de Pedro do aramaico para o grego. De tanto ouvir e repetir a pregação do mestre e amigo, que relatava fatos da vida do Cristo, Marcos tornou-se uma das pessoas mais indicadas para escrever a respeito. E o fez.

O evangelho atribuído a Marcos é a mais antiga narrativa sobre a vida de Jesus que conhecemos. Curiosamente, inicia-se com a pregação de João Batista e o batismo de Jesus: Marcos nada informa sobre a concepção, o nascimento e a infância do Cristo – como se tivessem sido normais, nada tendo de diferentes aos de outros seres humanos, não merecendo, por isso, maiores atenções. Trata Maria, sua mãe, como uma mulher comum (exceto,

claro, pelo fato de ter dado à luz um Messias) que se faz acompanhar de seus outros filhos. Também nada deixou registrado sobre o episódio em que Jesus teria delegado poderes a Pedro, fazendo dele alicerce da igreja e portador das chaves do Reino dos Céus; o que é estranho, já que, estando Marcos tão próximo de Pedro, dificilmente teria deixado de conhecer e registrar tal fato, dando-lhe destaque.

O evangelho que se atribui a Mateus, por sua vez, teria sido o segundo a ser escrito, utilizando-se da narrativa biográfica de Marcos e das anotações feitas por Mateus a respeito dos ensinamentos do Cristo. Parece destinado primordialmente a um público judeu, mostrando uma preocupação em provar que Jesus era o esperado Messias, prometido pelos antigos profetas. Por isso, o texto atribuído a Mateus se particulariza pela abundância de citações do "Velho Testamento". Essas citações, porém, são extraídas diretamente da tradução grega do "Velho Testamento" conhecida como Septuaginta ("dos Setenta") e não traduzidas separadamente do hebraico para o grego. Isso demonstra que o evangelho de Mateus foi escrito originalmente em grego, visando principalmente os judeus da Diáspora que falavam esse idioma. Na verdade, isso também ocorreria com os outros evangelhos, onde as citações do "Velho Testamento" que aparecem são sempre tiradas da "versão dos Setenta", então bastante em uso na emigração judaica. (7)

De Mateus – cujo nome hebraico era Levi – sabemos pouco: era encarregado do posto alfandegário de Cafarnaum e seu pai chamava-se Alfeu (Mc II, 13s; Mt IX, 9; Lc V, 27s). O "Novo Testamento" silencia sobre o que lhe aconteceu após a volta de Jesus ao plano espiritual. Uma fonte extrabíblica, o "Evangelho de Maria Madalena", conta como, nessa época, Mateus defendeu Madalena de Pedro quando este começou a discriminá-la. (8) De acor-

do com uma lenda, Mateus teria viajado, depois, em tarefa missionária, para a "Etiópia" (na verdade, o Reino de Kush ou Núbia) onde foi martirizado.

O suposto autor do terceiro evangelho, Lucas, era de origem grega. Teria sido médico e, também, pintor. Teria acompanhado o apóstolo Paulo em parte de suas viagens missionárias, assistindo-o, inclusive, em seu cativeiro, em Roma (II Tm IV, 11). Paulo denominou-o "o caríssimo médico", numa carta que teria escrito nessa ocasião. (Cl IV, 14)

Na introdução ao seu evangelho Lucas informa existirem, já em seu tempo, vários textos sobre a vida de Jesus – que ele, Lucas, não conhecera pessoalmente. Ao que parece, utilizou-se basicamente dos textos de Marcos e Mateus, acrescentando, ainda, passagens que não existem nesses documentos.

Certas passagens de Mateus são relatadas de maneira um pouco diferente em Lucas. Só vamos citar um exemplo: segundo Lucas, "o sermão da montanha" foi, na verdade, proferido numa planície. (Lc VI, 17ss; Mt V, 1ss)

Atribui-se também a Lucas a autoria dos "Atos dos Apóstolos"; mas na verdade, não há como prová-lo. Essa questão é encerrada pelo historiador italiano Ambrógio Donini sem meias-palavras: "A atribuição a Lucas, discípulo de São Paulo, é sem dúvida lendária, tal como a do terceiro evangelho: as diferenças de estilo, de ambiente e de maneira de pensar são tais que excluem a hipótese de o autor ter sido o mesmo". (9)

Em alguns capítulos dos "Atos dos Apóstolos" encontramos trechos onde o autor utiliza a primeira pessoa do plural para referir os episódios em que teria tomado parte pessoalmente, seguindo Paulo. Isso acontece a partir do capítulo XVI, versículo 10. Foi este fato, provavelmente, que levou muitas pessoas a concluir que Lucas teria sido o seu autor.

O livro dos "Atos dos Apóstolos" informa bem me-

nos do que seu título poderia nos levar a supor: seria mais apropriado denominá-lo "Atos de Pedro e Paulo", pois é quase somente sobre eles que o livro fala, e com uma lacuna grave: a narrativa encerra-se no momento em que Paulo encontra-se em prisão domiciliar, em Roma, à espera de julgamento. Sobre o que aconteceu a ele e aos demais apóstolos depois disso, o "Novo Testamento" silencia.

Ao apóstolo João atribui-se a autoria do quarto evangelho, bem como de três epístolas e um livro de revelações proféticas, o "Apocalipse". João era pescador, tal como seu pai, Zebedeu, e o seu irmão, o apóstolo Tiago Maior.

Teria sido o único apóstolo a assistir à crucificação de Jesus, sendo por ele incumbido de cuidar de Maria, sua mãe (Jo XIX, 26s). Depois, tornou-se um dos líderes da comunidade cristã de Jerusalém, juntamente com Pedro e Tiago, irmão do Senhor. Durante – ou logo após – a perseguição desencadeada em 33/34, foi à Samaria, juntamente com Pedro, completar o trabalho de evangelização iniciado pelo diácono Filipe (At VIII, 5.15). Estava presente no Concílio Apostólico de 49, onde se decidiu que ele, Pedro e Tiago pregariam aos judeus enquanto Paulo e Barnabé evangelizariam os pagãos (Gl II, 9s). Levando-se em conta o que ficou decidido nesse concílio é de se estranhar então que, segundo uma lenda, tenha ido João pregar às cidades gregas da Ásia Menor Ocidental, instalando-se em Éfeso, para onde levou Maria, mãe de Jesus; lá ela morreu e foi sepultada.

Em 95 ou 96, o imperador Domiciano desencadeou uma dura perseguição aos filósofos e aos cristãos e teria sido nessa época que João foi exilado na Ilha de Patmos, onde recebeu as revelações proféticas que foram registradas no livro do "Apocalipse" (Ap I, 9). Conseguiu libertar-se do cativeiro, voltando para Éfeso, onde morreu e foi sepultado, por volta do ano 100.

Seu evangelho, nota-se, é bem diferente dos outros três, devido, talvez, ao fato de ter sido redigido em ambiente cultural grego. De fato, a tradição associou a figura de João à igreja de Éfeso, importante cidade grega da Ásia Menor. O gosto dos gregos pelo simbolismo e pelas especulações metafísicas explicariam também o grande número de símbolos pelos quais o Cristo é representado nesse evangelho: "a água da vida eterna", "o pão vivo descido do céu", "a luz do mundo", "o bom pastor", "o caminho, a verdade e a vida", "o verbo".

Temos, finalmente, as chamadas epístolas católicas, isto é, universais, assim chamadas por entender-se que elas não são dirigidas a uma determinada comunidade ou indivíduo, mas a todos os fiéis do mundo. São sete: uma de Tiago, duas de Pedro, três de João e uma de Judas Tadeu.

A respeito da autoria da epístola assinada por "Tiago", convém prestar alguns esclarecimentos.

Primeiro, devemos lembrar que havia dois apóstolos que se chamavam Tiago: Um era filho de Zebedeu e irmão de João e o outro era filho de Alfeu e irmão de Judas Tadeu. A tradição procurou distinguir os dois chamando, a um, "de Maior" (Tiago de Zebedeu), e, a outro, de "Menor" (Tiago de Alfeu).

Jesus tinha, também, dois irmãos chamados Tiago e Judas (Mc VI, 3; Mt XIII, 55), o que levou algumas pessoas a se confundirem, achando que Judas Tadeu e Tiago Menor eram irmãos de Jesus. Porém, em sua epístola, Judas identifica-se como irmão de Tiago, mas não faz qualquer referência a um possível parentesco com Jesus (Jd I, 1). O que poderia ter causado a confusão foi a maneira como Paulo referiu-se a Tiago, ao relatar a visita que fez a Pedro, em Jerusalém, no ano 37: "Dos outros apóstolos não vi mais nenhum, a não ser Tiago, irmão do Senhor" (Gl I, 19). Na linguagem de Paulo, porém, todo

missionário ou pregador é "apóstolo". (10) Teríamos, então, um terceiro Tiago: o irmão de Jesus.

Segundo o escritor Hegesipo, numa obra intitulada "Memórias", escrita entre 174 e 189, "o controle da Igreja passou aos apóstolos, juntamente com o irmão do Senhor, Tiago, chamado o Justo", do que parece lícito concluir-se que este Tiago não era um dos doze apóstolos. Hegesipo afirmou, ainda, que "havia muitos Tiagos". (11)

Tiago Maior, foi preso e executado no ano 42 por ordem de Herodes Agripa I (At XII, 1s). Morreu, portanto, relativamente cedo, numa época em que a mensagem cristã ainda não havia se difundido suficientemente pelo mundo para justificar uma "epístola universal".

Resta-nos os outros dois Tiagos: o Tiago Menor, apóstolo e irmão de Tadeu, e o Tiago "irmão do Senhor", líder da comunidade cristã de Jerusalém. Não temos, porém como saber qual deles foi o autor da epístola.

De Tiago, o irmão de Jesus, sabemos que foi martirizado em Jerusalém no ano 62.

A epístola de "Tiago" é dirigida às "doze tribos da Dispersão" (Tg I, 1) e contém, principalmente, conselhos para a vida moral, dando grande importância à caridade: "Assim como o corpo sem a alma é morto, assim também a fé sem obras é morta". (Tg II, 26)

A primeira epístola universal de Pedro foi escrita num estilo muito semelhante ao de Paulo, talvez devido ao fato de ter sido redigida por Silvano, discípulo de Paulo que se tornara colaborador de Pedro. De fato, ele é mencionado nesta carta, no capítulo V, versículo 12: "Por meio de Silvano, que estimo como a um irmão fiel, vos escrevi essas poucas palavras". A epístola é escrita de uma localidade que Pedro denomina "Babilônia" (que alguns pensam ser, na verdade, Roma) assinalando, ainda, a presença, ao seu lado, de Marcos (I Pd V, 13). Já a segunda epístola atribuída a Pedro parece ter sido redigida por outra pessoa.

Os "Atos dos Apóstolos" nos mostram Pedro exercendo a sua atividade apostólica na Palestina, pelo menos até o ano 49.

Quando, no ano 42, após mandar matar Tiago Zebedeu, Herodes Agripa I ordenou a prisão de Pedro, este foi libertado por intervenção espiritual e deve ter ficado foragido até a morte de Herodes, em 44. No ano de 49, estava presente no Concílio Apostólico de Jerusalém. Depois disso, os "Atos dos Apóstolos" não dão mais notícia sobre Pedro. Paulo afirma, porém, que Pedro visitara, posteriormente, a comunidade cristã de Antioquia. Nessa ocasião, Pedro acabou por merecer uma reprimenda de Paulo. (Cl II, 11-14)

Sobre suas supostas viagens missionárias, sabemos pouco: teria viajado pela Ásia Menor e passado por Corinto antes de chegar a Roma, em data ignorada.

Segundo uma lenda, Pedro teria assumido a liderança da comunidade cristã de Roma até ser crucificado na colina do Vaticano, por ocasião das perseguições promovidas por Nero em 64. Outra versão, porém, afirma que ele morreu em 67.

Das três epístolas atribuídas a João, somente a primeira mereceria ser chamada de "universal". A segunda é dirigida a uma determinada comunidade (designada pelo nome misterioso de Kyria, "a eleita") e a terceira, a um cristão chamado Gaio. Essas duas epístolas, na verdade, parecem mais bilhetes, de tão breves e, além do mais, tratam de assuntos mais particulares.

A epístola de Judas Tadeu chama a atenção por fazer citações de escritos ou tradições judaicas que não foram incorporados ao Velho Testamento. Assim, em Jd I, 9, temos uma referência à "Ascensão de Moisés", e em Jd I, 14s, uma citação do livro de Enoc.

Segundo a tradição, Judas Tadeu dedicou-se à evangelização da Mesopotâmia. Posteriormente, veio a ser martirizado em Beirute. (12)

A chamada "epístola" aos Hebreus deve ser mencionada à parte. Para começar, não se trata, na verdade, de uma epístola: não há indicação do remetente e do destinatário, nem qualquer fórmula de saudação, inicial e final, tão característica do gênero epistolar da época. Temos aqui, na verdade, mais um tratado teológico do que uma carta. (13)

Uma tradição, não unânime, atribui essa "epístola" a Paulo, talvez por ela refletir algumas das idéias do apóstolo dos gentios. Contudo, sempre foi costume de Paulo assinar seus escritos e neles referir-se às suas próprias experiências, imprimindo-lhes marca toda particular; ora, não é isso o que acontece nessa "carta" aos Hebreus, cujo autor, efetivamente, é anônimo. Concorde-se, em geral, que o estilo desse escrito difere do das cartas de Paulo. (14)

Um pesquisador inglês, o Dr. Hugh Schonfield, sugeriu que o autor da "Epístola aos Hebreus" poderia ter sido Apolo de Alexandria, um judeu convertido ao cristianismo e contemporâneo de Paulo, citado em At XVIII, 24-26. (15)

A respeito do livro "Apocalipse", devemos observar que muito do seu simbolismo encontrava-se já presente nos livros de Ezequiel e Daniel, profetas do "Velho Testamento". Também já foi assinalado, por alguns estudiosos, que algumas passagens do "Apocalipse" são semelhantes às de um antigo escrito judeu, considerado apócrifo, o "Livro de Enoc".

Segundo Mario Roso de Luna, "O dogma da primeira queda, a Queda dos Anjos, está fundamentado em alguns versículos curtos do "Apocalipse" que hoje alguns eruditos demonstram ser plágio do Livro de Enoc." (16) Este é o mesmo Enoc citado por Judas Tadeu em sua epístola universal. (Jd 1, 14s)

NOTAS

01. Donini, Ambrógio – "História do Cristianismo: das origens a Justiniano". Lisboa, Edições 70, 1988, p.66.
02. A tradução da Bíblia que utilizamos é a do Centro Bíblico de São Paulo, mediante a versão dos Monges de Maredsous, religiosos beneditinos da Bélgica, que se basearam nos originais em hebraico, aramaico e grego: "Bíblia Sagrada", 58ª edição, São Paulo, Editora Ave Maria, 1987. Também consultamos a versão de João Ferreira de Almeida, bem como a da Liga Bíblica Mundial, publicada sob o título "O Mais Importante é O Amor" (edição especial para as escolas do Estado do Rio de Janeiro).
03. Lassus, Jean – "Cristandade Clássica e Bizantina" – Coleção O Mundo da Arte. Rio de Janeiro, José Olímpio/Expressão e Cultura, s/d, p. 140.
04. Tratar-se-ia dos famosos "Ditos do Senhor", também chamados de "fontes de lógia" (do grego lógion, plural lógia, que significa "discurso, sentença") ou, ainda, de "documento Q" (do alemão quelle, "fonte"). Cf. Nunes, Danilo – "Judas, Traidor ou Traído?" 4ª edição, revista e aumentada, Rio de Janeiro, Record, 1989, p. 45.
05. Cada ensinamento (lógion) do "Evangelho de Tomé" foi numerado segundo a ordem em que se encontra disposto no original (quer dizer, lógion 1, lógion 2, lógion 3, etc.). Sua divisão é diferente, portanto, da dos textos canônicos, divididos em capítulos e versículos. O "Evangelho de Tomé" é dividido apenas em lógia, não tem capítulos. Acharmos necessário dar essa explicação, para o caso do leitor encontrar alguma citação desse documento nesta ou em qualquer outra obra.

06. Läßle, Alfred – "A Bíblia Hoje: Documentação de História, Geografia e Arqueologia". 4ª edição, São Paulo, Paulinas, 1988, pp. 192-193, 195-207. Toda a cronologia da vida de Paulo, por nós apresentada, baseia-se nesse autor.
07. Donini, Ambrogio – Obra Citada, p. 38.
08. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". São Paulo, Cultrix, 1990, p. 91.
09. Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 100.
10. Antoniazzi, Alberto e Cristiano, Henrique – "Cristianismo: 2000 anos de Caminhada". 2ª edição, São Paulo, Paulinas, 1988, p. 16.
11. Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto". Niterói (RJ), Arte & Cultura, 1991, p. 135.
12. Läßle, Alfred – Obra citada, p. 190.
13. Donini, Ambrogio – Obra Citada, p. 113.
14. É a opinião, não só de Donini (idem, ibidem, p. 113), mas também a de estudiosos católicos (cf. Introdução Particular aos Livros do Novo Testamento, in: Bíblia Sagrada, 58ª edição, São Paulo, Ave Maria, 1987, p. 46).
15. Schonfield, Hugh – "A Odisséia dos Essênios". São Paulo, Mercuryo, 1991, p. 171.
16. Roso de Luna, Mario – "O simbolismo das Religiões". São Paulo, Siciliano, 1990, p. 169.

Capítulo II

O IDIOMA

"Pilatos redigiu também uma inscrição e a fixou por cima da cruz. Nela estava escrito: 'Jesus de Nazaré, rei dos judeus'. Muitos dos judeus leram esta inscrição, porque Jesus foi crucificado perto da cidade e a inscrição era redigida em hebraico, em latim e em grego."

João XIX, 19s

O hebraico clássico do Velho Testamento já não era mais falado no tempo de Jesus: tinha dado lugar a um dialeto chamado aramaico ou sirocaldaico. Devido a isso, as escrituras eram lidas publicamente nas sinagogas da Palestina em hebraico antigo, mas tinham que ser traduzidas simultaneamente por um intérprete, frase por frase, em aramaico, para que o povo pudesse conhecê-las. (1)

O aramaico foi o idioma utilizado por Jesus e seus apóstolos em sua pregação na Palestina, mas não poderia ter sido usado para difusão do Cristianismo fora dessa área geográfica. De fato, a doutrina cristã difundiu-se muito mais, e rapidamente, em áreas onde se falava outro idioma: o grego, mais precisamente o dialeto chamado de "koiné" (comum). Foi nesse dialeto, falado pelas massas proletárias e humildes do mundo mediterrânico, que se registraram os mais antigos exemplares de textos evangélicos de que hoje dispomos.

Já se supôs, é verdade, que os cristãos palestinos tivessem escrito seus primeiros textos em aramaico; teria mesmo sido esse o caso de Mateus, ao fazer o primeiro registro dos "Ditos do Senhor". Nada restou, contudo, para prová-lo.

Deve-se lembrar que mesmo os judeus da Diáspora falavam, em sua grande maioria, o grego. O processo de adoção do grego, em lugar do hebraico pelos judeus da Dispersão, já estava adiantado em meados do Século III ou II a.C.; de qualquer forma, teriam de aprendê-lo para realizar os seus negócios, já que esse idioma tinha, afinal, a mesma importância que hoje tem o inglês.

Em breve os judeus da Diáspora viram-se na mesma situação dos seus irmãos da Judéia: não mais conseguiam acompanhar a leitura pública dos textos da Bíblia nas sinagogas. (2) Vimos que a solução adotada na Palestina foi a de colocar um intérprete traduzindo os textos conforme eram lidos. Porém, os judeus de Alexandria, no Egito, foram mais longe e providenciaram, por volta de 250 a.C., uma tradução do "Velho Testamento" para o grego. Do Egito, essa versão espalhou-se pelas outras comunidades da emigração. Chamavam-na "Septuaginta", isto é, dos setenta, pois, segundo a lenda, fora levada a cabo em 70 dias, por 70 sábios vindos de Jerusalém a pedido do rei Ptolomeu Filadelfo (282-246 a.C.), que desejava tê-la no acervo da famosa Biblioteca de Alexandria.

Já antes nos referimos ao fato de ter sido da "Septuaginta" que se extraíram todas as citações do "Velho Testamento" presentes nos textos do "Novo". Os redatores do "Novo Testamento" deviam ser, portanto, pessoas que conheciam as sagradas escrituras hebraicas através da tradução grega dos "setenta" – e talvez só as conhecessem nessa versão. Seriam, então, muito provavelmente, judeus da Diáspora convertidos ao Cristianismo. Fica mais fácil aceitar essa conclusão quando nos lembramos

de que os mais antigos textos cristãos são, justamente, as cartas que Paulo – ele mesmo, judeu da Diáspora, convertido ao Cristianismo – escreveu em grego para as comunidades que falavam esse idioma.

Continuamos a utilizar, ainda hoje, no âmbito religioso, vários termos gregos empregados pelos primeiros cristãos: cristo (o ungido, o rei, o messias; título e não nome próprio), apóstolo (enviado especial, delegado de administração e encarregado, entre os judeus da emigração, de levar a Jerusalém as contribuições para a manutenção do Templo), presbítero (ancião, de onde veio a palavra "padre", segundo Donini), bispo (episkopos, isto é, o vigilante, o supervisor), batismo (o banho purificador), ágape (amor e, mais tarde, banquete fraterno), eucaristia (ação de graças, refeição sagrada ritual), apocalipse (revelação), evangelho (anúncio de um acontecimento feliz) e igreja (ekklesia, isto é, reunião, congregação dos fiéis).

Por sua vez, a palavra demônio (do grego daimon) merece comentário à parte. De início, tinha simplesmente o significado de espírito, gênio, inteligência, e foi aplicado aos seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção. Só mais tarde o seu significado foi corrompido, vindo a ser sinônimo de "diabo".

Também a palavra "cristo", com o tempo, foi perdendo o seu significado original, de tal forma que chegou a ser interpretado como nome próprio de uma divindade. Assim é que historiadores romanos como Plínio, Tácio e Suetônio, desconhecendo o nome de Jesus, chamaram-no de Cristo, ignorando tratar-se essa palavra, na verdade, de um título e não de um nome.

Somente algumas expressões de origem hebraica ou aramaica se encontram no "Novo Testamento": abba (pai), rabbi (meu mestre), alleluia (Deus seja louvado), amen (é verdade, e não "assim seja", como se costuma pensar erroneamente), osana (dá-nos a vitória, salva-nos), effata (abri), talitha kum ("menina, levanta-te", a propósi-

'to do milagre da filha de Jairo, em Mc V, 41) ou tabitha kum ("gazela, levanta-te", como se pode ler em alguns manuscritos gregos e num episódio análogo de "ressurreição", atribuído a Pedro, em At IX, 40), Maran até (Nosso Senhor vem, em aramaico) e pouquíssimas outras, entre as quais, messias (Messiah, Mashiah, o ungido, de mashah, ungir).

→ Sobre a palavra hebraica "messias", que traduzida para o grego deu "cristo", temos alguns comentários a fazer. Seu sentido básico é "o ungido com óleo", pois, entre os judeus, era costume assinalar ritualmente a consagração de uma pessoa ao cargo de rei, sacerdote ou profeta, derramando-se óleo em sua cabeça. Geralmente isso era feito por um profeta (médium), que recebia a revelação de quem deveria ser ungido.

Ungiam-se sacerdotes, como Aarão e seus filhos, ungidos por Moisés (Ex XXVIII, 41; XXX, 30s; Nm III, 3); posteriormente, seus sucessores também tinham de ser ungidos (Lv VIII, 18). O primeiro rei de Israel, Saul (1020 a.C.), foi ungido pelo profeta Samuel, após este ter recebido uma revelação espiritual (I Sm IX, 15-17; X, 1); o mesmo sucedeu a Davi (I Sm XVI, 1-13; II Sm II, 7).

O profeta Elias, em certa ocasião, recebeu de uma só vez inspiração para ungir Eliseu como seu sucessor no "cargo" de profeta, a Jeú, como rei de Israel (842-815 a.C.) e Hazael, como rei da Síria (I Rs XIX, 15s). Esta última passagem, aliás, prova que os antigos judeus acreditavam que também os reis pagãos poderiam ser ungidos. Quanto ao rei Jeú, acabou sendo ungido por um dos discípulos de Eliseu, sucessor de Elias (II Rs IX, 1-6).

O profeta Isaías dizia-se consagrado pela unção (Is LI, 1). No mesmo livro de Isaías, inclusive, lemos que Ciro, rei dos persas, e, portanto pagão, também foi ungido (Is XLV, 1). Ungiam-se até lugares e utensílios sagrados (Gn XXVIII, 18; Ex XXX, 26-29; Nm VII, 1).

Pedimos perdão aos nossos leitores por todas estas

citações do "Velho Testamento"; nossa intenção é a de fazê-los entender o sentido original da palavra "messias". Acrescentamos, a seguir, a explicação de um judeu culto, de nossos dias, Haim Cohn, ex-presidente da Suprema Corte de Justiça de Israel: "A unção em si, ou a exigência do direito de ser ungido é uma espécie de sinal distintivo de algum tipo de eleição divina, mas ela é a eleição divina de um homem. Nos evangelhos encontramos até mesmo a genealogia de Jesus, que chega até ao rei Davi por parte de seu pai; isso significa que ele era um homem, filho e neto de homens. Essa é, seguramente, a tradição original". (3) Com isso, Haim Cohn quer dizer que o título de messias não atribui a Jesus uma natureza divina, como muitos têm feito crer.

A grande maioria dos primeiros cristãos ignorava o significado da palavra messias. Por essa razão, nas duas únicas vezes em que o texto de João a emprega, faz-se acompanhar da explicação de "que traduzida, é Cristo". (Jo I, 41; IV, 25)

A "unção" de Jesus teria ocorrido no momento de seu batismo por João — uma "unção" feita, neste caso, com água e não com óleo. Realmente foi depois do seu batismo (unção, consagração) que Jesus iniciou seu ministério.

O Latim só começou a adquirir importância como "língua litúrgica" mais tarde, com a conversão ao cristianismo dos habitantes do norte da África — colonos latinos, principalmente. Foi durante o episcopado de Vitor (bispo de Roma entre 189 e 199) que o latim começou a substituir o grego na literatura cristã, mas a adoção definitiva, na própria Roma, só ocorreu em meados do século III. Pela influência dos cristãos latinos entraram no vocabulário cristão termos como sacramento, trindade, encarnação, confissão, sagrada escritura, pagão, gentio, missa e "papa". Tais palavras exprimem, algumas vezes, conceitos desconhecidos pelos cristãos de idioma aramaico ou grego. São fruto, provavelmente de divagações teoló-

gias dos cristãos latinos e seria justo questionar se elas realmente fazem parte da doutrina cristã original, verdadeira.

Vejamos apenas as origens e o significado da palavra "missa" e "papa".

A palavra missa de origem latina, provém do vocábulo *missis*, que designava não só as colheitas, mas também o sacrifício à deusa das colheitas: *Ceres Eleusina*, a Mãe-terra, também chamada, na antiguidade de *Demeter*, *Gaia* e outros nomes. Ofereciam-se, também, os frutos da terra (trigo e vinho, os principais produtos da agricultura mediterrânica) ao Sol, o Deus Altíssimo, que a havia fecundado. Segundo nos informa *Helena P. Blavatsky* (1831-1891), o pão e o vinho tinham, também, para os "iniciados", um significado mais profundo: "Durante os Mistérios de *Elêusis*, o vinho representava *BACO* e o pão ou trigo, *CERES*. Ora, *Ceres* ou *Demeter* era o princípio feminino da terra, a esposa do pai *Aether* ou *Zeus*; e *Baco*, o filho de *Zeus-Júpiter*, era seu pai manifesto. Noutros termos, *Ceres* e *Baco* eram as personificações da substância e do espírito, os dois princípios vivificantes em a natureza e sobre a terra. O Hierofante Iniciador apresentava simbolicamente os candidatos, antes da revelação final dos mistérios, o vinho e o pão, que estes comiam e bebiam para testemunhar que o espírito devia vivificar a matéria, (...)". (4)

É muito elucidativa, também, a descrição que *Blavatsky* faz dos rituais que os romanos celebravam em honra da mesma deusa *Ceres*: "Nas *Ambarvalias*, festas romanas dadas em honra a *Ceres*, o *Arval*, assistente do Grande Sacerdote, vestido de branco imaculado, colocava sobre a hóstia (a oferenda do sacrifício) um bolo de trigo, água e vinho; provava o vinho das libações e dava-o a provar aos outros. A oblação (ou oferenda) era então erguida pelo Grande Sacerdote. Tal oferenda simbolizava os três reinos da natureza: o bolo de trigo (o reino vege-

tal), o vaso do sacrifício ou cálice (o reino mineral), e o pai (a estola) do Hierofante, uma de cujas extremidades pousava sobre o cálice contendo o vinho da oblação (o reino animal). Essa estola era feita de pura lã branca de tosão de cordeiro."

"Os padres modernos repetem gesto por gesto os atos do culto pagão. Eles erguem e oferecem o pão para a consagração; benzem a água que deve ser posta no cálice, e em seguida vertem o vinho, incensam o altar, etc., etc., ... e, voltando ao altar, lavam os dedos, (...) Assim o fazem porque o antigo sacerdote pagão o fazia, e dizia: Eu lavo minhas mãos (com água lustral) entre o Justo (os irmãos completamente iniciados) e rodeio teu altar, ó Grande Deusa! (*Ceres*)."

"O Grande Sacerdote fazia três vezes a volta ao altar levando as oferendas, erguendo acima da cabeça o cálice coberto com a extremidade de sua estola de lã de cordeiro, branca como a neve..."

Blavatsky lembra, ainda, que "também na Igreja Grega, o padre cobre o cálice com a extremidade de sua estola pousada sobre o seu ombro."

E continua a descrição: "O Grande Sacerdote da antiguidade repetia três vezes, durante o serviço divino, seu "O Redemptor mundi" a *Apolo* – o Sol; seu "Mater Salvatoris" a *Ceres* – a Terra; seu "Virgo Partitura" à Virgem deusa, etc. ... pronunciando sete comemorações ternárias." (5)

Conforme conclui *Blavatsky*, "Este rito foi adotado pela Igreja cristã. O Hierofante, que então era chamado o "pai", tornou-se agora – com menos conhecimento – o padre, o "pai", que administra a mesma comunhão". (6)

Estaria certo, então, o historiador cristão do século IV, *Eusébio de Cesaréia*, que, em sua obra "Vida de Constantino" afirmava que "para tornar o Cristianismo mais atraente aos gentios, os sacerdotes (do Cristo) adotaram as vestimentas exteriores e os ornamentos utilizados no culto pagão". (7)

Essa é a origem da missa.

Por sua vez, "papa" é a forma latinizada de uma palavra grega popular, "papas", variante de "pappas", pai. Nos primeiros tempos da história do cristianismo, o título de papa era dado a todos os padres; depois, com o passar dos anos, foi limitado aos bispos. Em algumas aldeias de origem grego-bizantina, na Itália meridional, o pároco ainda era chamado papa, em sinal de respeito, de acordo com o costume do clero ortodoxo, segundo nos informa Ambrogio Donini. (8)

Na Igreja grega, o título acabou por ser reservado aos bispos das sés metropolitanas, os patriarcas de Constantinopla, Antioquia, Alexandria e Jerusalém. No Ocidente, foi usado indiscriminadamente por todos os bispos, até, pelo menos, o Século V, tornando-se depois privilégio dos bispos romanos – o primeiro pontífice romano a fazer uso do título foi Sirício, em 385. (9) Durante séculos, todavia, continuaram a ser chamados papas também os titulares de algumas outras dioceses. Donini observa que no século VII o termo era ainda usado por São Galo, ao falar do bispo Desidério de Cahors. Foi só no ano de 1073 que Gregório VII, finalmente, fez decretar por um sínodo que ninguém poderia servir-se de tal nome a não ser o bispo de Roma. (10)

x As mais antigas versões latinas de textos bíblicos começaram a circular na África e na Itália durante o segundo século da era cristã. Posteriormente, elas foram superadas pela célebre "Vulgata latina". Foi no ano de 384 que o pontífice Dâmaso I (bispo de Roma entre 366 e 384) determinou que o monge Jerônimo (348-420) redigisse uma tradução latina da Bíblia - que viria a ser, depois, a "versão oficial". Para a realização desse trabalho, Jerônimo (posteriormente canonizado pela igreja católica) baseou-se em manuscritos gregos, em antigas versões latinas, na Septuaginta e nos textos em hebraico. Tratava-se de uma obra de fôlego, que só foi concluída em 404,

vinte anos depois de ser encomendada, portanto. Essa tradução de São Jerônimo foi, ainda durante sua vida, objeto de duras críticas, travando-se entre ele e seus detratores injuriosas polêmicas.

Embora o concílio ecumênico de Trento tivesse, em 1546, aprovado e oficializado a versão de Jerônimo, o papa Sixto V (pontífice entre 1585 e 1590) declarou-a insuficiente e errônea, em 1590. Por sua ordem, fez-se uma revisão, mas a edição que daí resultou, e que trazia seu nome, foi mais uma vez modificada por ordem de Clemente VIII (1592-1605). Desde então, tem sido chamada "Vulgata Sixto-Clementina".

Os textos bíblicos foram escritos, no início, sem nenhum sinal de pontuação e as palavras se achavam emendadas umas às outras. Usavam-se, apenas letras maiúsculas e não existia divisão em capítulos ou versículos. Foi no sexto século que começaram a ser usadas, também, letras minúsculas, introduzindo-se, nessa mesma época, os primeiros sinais. A separação das palavras só começou no século IX.

O primeiro a repartir os livros em capítulos foi o cardeal Etephen Langton, Arcebispo de Cantuária, Inglaterra, em 1214. A divisão dos capítulos em versículos foi introduzida em 1527 pelo dominicano Saintes Pagnino, nos livros do "Velho Testamento". Foi só em 1551 que o impressor francês Roberto Étienne estendeu-a também ao "Novo Testamento".

NOTAS

01. Hurlbut, Jesse Lyman – "História da Igreja Cristã". 5ª impressão, Venda Nova (MG), Vida, 1990, p. 21.
02. Keller, Werner – "E a Bíblia Tinha Razão..." 11ª edição, São Paulo, Melhoramentos, 1981, pp. 291 e 292.
03. Cohn, Haim H. – "O Julgamento de Jesus, O Nazareno." 2ª edição, Rio de Janeiro, Imago, 1990, pp. 125 e 126.
04. Blavatsky, Helena P. – "As Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria. São Paulo, Pensamento, s/d., pp. 63 e 64.
05. Idem, ibidem, pp. 75 e 76.
06. Ibidem, pp. 64.
07. Apud Blavatsky, Helena P. – Obra citada, p. 18.
08. Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 262.
09. Boscoli, João – "O Apocalipse Sem Véu". 1ª edição, Rio de Janeiro, edição do autor, 1983, p. 112.
10. Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 262

Capítulo III

A CRONOLOGIA DOS DOCUMENTOS

De início, os cristãos acreditavam que Jesus voltaria a qualquer momento, daí não terem se preocupado em registrar logo, por escrito, os fatos relativos à vida do mestre e à de seus discípulos. Só mais tarde sentiram essa necessidade.

E é justamente sobre a volta do Cristo que trata um dos mais antigos textos do "Novo Testamento": a segunda epístola de Paulo aos tessalonicenses. Nela, Paulo esclarece que o regresso de Jesus à Terra está próximo, é certo, mas não propriamente iminente (II Ts II, 1s).

A primeira e a segunda epístolas de Paulo aos tessalonicenses seriam os mais antigos documentos do "Novo Testamento". Teriam sido escritas de Corinto em 51/52, por ocasião da segunda viagem missionária de Paulo. Devemos observar, contudo, que hoje em dia tem sido posta em dúvida a autenticidade da segunda epístola aos tessalonicenses, considerando-se legítima apenas a primeira. (1) Por sua vez, a carta aos gálatas teria sido escrita em Éfeso, entre os anos de 54 e 57, durante a terceira viagem missionária de Paulo. A primeira carta aos coríntios foi escrita ainda em Éfeso, nos primeiros meses de 57, enquanto a segunda foi escrita da Macedônia no verão ou outono do mesmo ano. A carta aos romanos foi escrita de Corinto na primavera de 58. As epístolas aos efésios (?), aos filipenses, aos colossenses (?), e a Filêmon teriam sido escritas entre 62 e 63, durante o cativeiro romano – daí serem apelidadas "epístolas do cativeiro". (2)

Dúvidas também têm sido postas quanto à autenticidade das epístolas aos efésios e colossenses, mas as circunstâncias em que foi escrita a carta aos filipenses podem ser reconstituídas: tendo os cristãos de Filipos recebido notícia do cativo de Paulo em Roma, enviaram-lhe Epafrodito (que alguns pensam ter sido "bispo" de Filipos) para visitá-lo, levando consigo não apenas o consolo e a solidariedade dos cristãos, mas também um auxílio material. Ao voltar da visita, Epafrodito levou a Filipos a carta que Paulo escreveu aos cristãos da cidade, onde, inclusive, ele agradece o auxílio recebido. (Fl IV, 18s). A epístola a Filêmon, por sua vez, teria sido escrita por Paulo a um rico cristão de Éfeso (ou de Colossos, não há certeza a esse respeito). Mais um bilhete do que uma carta, sua finalidade é interceder em favor de Onésimo, escravo que fugira de Filêmon, seu senhor, e que Paulo convertera na prisão.

Quanto às chamadas "epístolas pastorais", isto é, aquelas que Paulo teria escrito a Timóteo (são duas) e a Tito (uma), elas parecem ter sido escritas fora do quadro oferecido pela narração dos "Atos dos Apóstolos" – que permitira, antes, obter indícios para a datação das outras epístolas.

A segunda carta a Timóteo, particularmente, chama a atenção por descrever um quadro em que Paulo parece pressentir a proximidade de seu martírio (II Tm IV, 6), o que nos permitiria supor ter sido ela a última escrita pelo apóstolo – caso pudéssemos provar, claro, que foi realmente Paulo o seu autor.

Na verdade, até hoje não foi possível definir se Paulo morreu em 64 ou 67, ou mesmo provar que o apóstolo foi realmente martirizado em Roma, como afirma a tradição. Como o próprio destino seguido por Paulo depois do ano de 63 (quando termina a narração dos "Atos") é motivo de dúvida, as datas e a autoria dessas

"pastorais" também o são. Atualmente, a grande maioria dos pesquisadores admite que essas epístolas não foram escritas por Paulo, por isso, elas são chamadas de epístolas "pseudopaulinas" (isto é, falsamente atribuídas a Paulo), ou, ainda, "deuteropaulinas" (ao pé da letra, "secundariamente paulinas"). O pesquisador alemão Alfred Lápplé chega a afirmar que elas só foram escritas após a morte de Paulo, lá pelo ano 100 da era cristã. (3)

Elaine Pagels, professora de religião da Universidade de Princeton, por sua vez, afirma que as chamadas epístolas "deuteropaulinas" foram escritas por admiradores e seguidores do apóstolo: "Vários destes admiradores anônimos de Paulo, uma ou duas gerações após a sua morte, falsificaram cartas cheias de detalhes pessoais sobre a sua vida, e saudações aos seus amigos, na esperança de fazê-las parecer autênticas. (...) Virtualmente todos os estudiosos reconhecem que Paulo não escreveu I ou II Timóteo ou Tito – cartas num estilo diferente e refletindo situações e pontos de vista bem diversos dos que vemos nas cartas do apóstolo". (4) Pagels acrescenta que quase todos os estudiosos incluem também entre as epístolas "deuteropaulinas" as que supostamente teriam sido escritas por Paulo aos efésios, aos colossenses e a segunda aos tessalonicenses. (5)

Concluindo: das treze cartas atribuídas a Paulo (excluindo aquela escrita aos hebreus), somente oito podem ser consideradas legítimas: as que foram escritas aos romanos, a primeira e a segunda aos coríntios, aos gálatas, aos filipenses, a primeira aos tessalonicenses e a Filêmon.

Danillo Nunes, baseando-se em J. Moffat, acrescenta a observação de que a segunda epístola aos coríntios, na verdade, seria um mosaico de fragmentos de várias epístolas e que o capítulo XVI da epístola aos romanos deveria ser, originalmente, independente. (6)

Acredita-se que Paulo tenha escrito outras cartas, que se perderam. Fala-se, principalmente, numa epístola

que ele teria enviado aos cristãos da Laodicéia. (7)

Em seguida, vieram os evangelhos. Aceita-se, hoje em dia, que eles foram escritos após a tomada de Jerusalém pelos romanos, no ano 70. Um bom indício estaria no texto de Mateus (XXIII, 35), onde se faz referência ao assassinato de Zacarias, filho de Baraquias, "morto entre o templo e o altar". Ora, trata-se, na verdade, de um fato ocorrido muito depois da crucificação de Jesus – em 67 ou 68 da era cristã, de acordo com o historiador judeu Flávio Josefo (c. 37 - c. 100), em sua obra "As Guerras Judaicas", livro IV, capítulo XIX. (8)

Mesmo historiadores católicos como Alberto Antoniazzi e Henrique Cristiano, professores de História do Cristianismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, acreditam que os evangelhos sinóticos, isto é, aqueles atribuídos a Mateus, Marcos e Lucas, foram redigidos entre 70 e 80 d.C., aproximadamente. (9) Primeiro surgiu o de Marcos, entre 70 e 75, seguido pelo de Mateus e Lucas (c. 80 d.C.). Os "Atos dos Apóstolos" podem ter sido escritos pela mesma época (10) ou no começo dos anos 90. (11)

Como os leitores já devem ter percebido, não há condição de se estabelecer para estes escritos uma cronologia tão precisa quanto a das cartas de Paulo. Alfred Läßle sugere para os outros textos do "Novo Testamento" as seguintes datas: primeira e segunda epístolas de Pedro, entre 70 e 80 d.C.; carta aos hebreus, ano 80, aproximadamente; epístolas de Tiago e Judas, entre 80 e 90; escritos de João, entre 90 e 100. (12) Todas estas datas são, evidentemente, bastante aproximadas.

Além desses documentos canônicos, não podemos nos esquecer de outros antigos textos cristãos que parecem ter feito sucesso nos primeiros tempos do cristianismo. O "Evangelho de Tomé", por exemplo, baseia-se em tradições orais que circulavam de boca em boca já entre os anos 50 e 100. Por volta do ano 140 elas foram

coligidas no texto hoje conhecido como "Evangelho de Tomé", ao que parece, em grego. O texto integral mais antigo de que hoje dispomos data de 350/400 e está redigido em copta, dialeto egípcio. Do texto grego, mais antigo, restaram apenas fragmentos. (13)

E citemos ainda: o "Didaquê", espécie de prontuário de instrução religiosa, surgido entre 69 e 90 d.C. e tão antigo, portanto, quanto os evangelhos; a "Epístola de Clemente Romano aos Coríntios", surgida cerca do ano 96; a "Epístola de Barnabé", entre 96 e 98; o "Livro do Pastor", de Hermas, escrito entre 140 e 154; e a "Carta a Diogneto", de 180 e 190. Havia outros, mas esses são os mais valorizados por historiadores e teólogos. (14) Léon Denis observa, por exemplo que o "Livro do Pastor" era lido nas igrejas, como nós lemos atualmente os evangelhos e as epístolas, até o século V. São Clemente de Alexandria (c. 160 - c. 215) e Orígenes (c. 185 - c. 254) a ele se referem com respeito. Figura, também, no mais antigo catálogo dos livros canônicos recebidos pela Igreja Romana (o "Canône muratoriano", datado de 180 d.C.) e foi publicado por Caio em 220. (15)

O mais antigo espécime de um texto do "Novo Testamento" não passa de fragmento: trata-se de um pedaço de papiro contendo, de um lado, fragmentos dos versículos 31-33 do capítulo XVIII do "Evangelho de João", e do outro, palavras dos versículos 37 e 38. Data de 125 d.C. e foi achado no Egito em 1920. Recebeu o código P52 e encontra-se atualmente na John Rylands Library, de Manchester. Papiros contendo textos neotestamentários e em melhores condições também foram achados no Egito, datando, os mais antigos, em sua maioria, de cerca de 200 a 220 d.C. – todos em grego koiné, é claro. (16)

NOTAS

01. Pagels, Elaine – "Adão, Eva e a Serpente". Rio de Janeiro, Rocco, 1992, p. 52.
02. Lämppe, Alfred – Obra citada, p. 193.
03. Idem, ibidem, pp. 124 e 193.
04. Pagels, Elaine – "Adão, Eva e a Serpente". Rio de Janeiro, pp. 51 e 52.
05. Idem, ibidem.
06. Moffat, J. – "Introduction to the Literature of the New Testament". Edinburgh, 1918-1933, pp. 126 a 128, 134 a 139, 159 a 161. Apud Nunes, Danilo – Obra citada, p. 122 - n. 24
07. Schiavo, José – "Dicionário de Personagens Bíblicos". Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d., p. 178 (verbete "Laodiceus").
08. Apud Denis, Léon – "Cristianismo e Espiritismo". 8ª edição, Brasília, FEB, 1987, p. 269.
09. Antoniazzi, Alberto e Cristiano, Henrique – Obra citada, p. 70.
10. Lämppe, Alfred – Obra citada, p. 124.
11. Nunes, Danilo – Obra citada, p. 100.
12. Lämppe, Alfred – Obra citada, p. 124.

13. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". pp. 13 a 15.
14. Antoniazzi, Alberto e Cristiano, Henrique – Obra citada, pp. 70 e 71.
15. Denis, Léon – Obra citada, p. 61 - n. 40.
16. Lämppe, Alfred – Obra citada, pp. 127 a 130.

Capítulo IV

A FORMAÇÃO DO CÂNONE

Cânone é uma palavra de origem grega que significa "medida", "regra", "norma"; tem sido geralmente utilizada para designar o elenco de textos reconhecidos como "inspirados por Deus" e, portanto, dignos de fazerem parte da Bíblia.

No tempo de Jesus, o próprio "Velho Testamento" não tinha sido fixado em sua composição atual. Foi somente no sínodo judaico realizado em Jânmia, pelo ano 90 d.C., que se estabeleceu o cânone veterotestamentário. Trata-se dos 39 livros do "Velho Testamento" que encontramos nas bíblias protestantes; as bíblias católicas têm outros livros mais. Veremos, daqui a pouco, quais são. É o chamado cânone judaico-palestino e os escritos que o compõem foram escolhidos segundo três critérios:

- 1 - Possuir grande antiguidade.
- 2 - Ter sido composto na Palestina.
- 3 - Haver sido redigido em hebraico. (1)

Por causa desses critérios, ficaram de fora alguns livros que figuravam na versão Septuaginta, em grego: "Baruc", "Tobias", "Judite", "Sabedoria", "Eclesiástico" (também chamado Sirac, e que não deve ser confundido com Eclesiastes, chamado Coélet), "Carta de Jeremias aos Cativos", "I Macabeus", "II Macabeus", e, ainda, os capítulos XI e XVI de "Ester" e os capítulos XIII e XIV de "Daniel". Esses livros compõem o chamado cânone judaico-helenístico e foram também denominados "deuterocanônicos" pelos judeus emigrados e pelos primeiros cris-

tãos. Os protestantes rejeitam-nos por considerá-los "apócrifos", no sentido de não autênticos, "escondidos sob um falso nome". As Sociedades Bíblicas britânicas, de sua parte, resolveram retirar da Bíblia esses livros que somente a partir de 1820, passaram a não mais fazer parte das edições da Bíblia publicadas pelas Igrejas Evangélicas. (2) Apesar disso, alguns pastores e teólogos protestantes aconselham a sua leitura por considerá-la instrutiva, mas raramente suas "ovelhas" obedecem a este conselho. Os católicos, por sua vez, aceitaram-nos em seu cânone.

Não podemos nos esquecer dos textos judaicos considerados apócrifos, mesmo pela Igreja Católica Romana: os "Salmos de Salomão", o "Livro de Enoc", o "Livro dos Jubileus", os "Testamentos dos Doze Patriarcas", o "Livro IV de Esdras", a "Assunção de Moisés", e os diversos "Apocalipses" atribuídos a Baruc, a Esdras e a outras personagens bíblicas. Mas, se esses escritos não foram "inspirados", então por que Judas Tadeu teria feito citações deles em sua epístola? Em Jd I, 9 temos uma provável alusão à "Assunção de Moisés", e, em Jd I, 14s temos um trecho do "Livro de Enoc". Santo Agostinho, bispo de Hipona (354-430) disse que a Igreja recusou o "Livro de Enoc" dentre os canônicos por ser muito antigo (3) o que bem dá uma idéia dos estranhos métodos utilizados, por vezes, na seleção dos documentos.

O espanhol Mario Roso de Luna (1872-1931), estudioso do simbolismo das religiões, emitiu a opinião de que "nem sempre a Igreja Romana é lógica ou prudente". De fato, ao declarar apócrifo o "Livro de Enoc", foi tão longe que, pelas mãos do cardeal Cayetano e de outros luminarés eclesiásticos, rechaça até o cânone do próprio "Livro de Judas" que, como apóstolo inspirado, faz citações do "Livro de Enoc", com isso santificando-o inevitavelmente. (4)

O "Livro de Enoc" acabou por ser aceito apenas pela Igreja Etíope, que conservou o seu texto original em gue-

ês, a língua literária e litúrgica da Abissínia. Só recentemente encontrou-se, no deserto da Judéia, um exemplar, incompleto, do "Livro de Enoc" em aramaico. (5)

A formação do cânone cristão neotestamentário foi mais atribulada. A primeira tentativa de estabelecer uma listagem dos livros que deveriam compor o "Novo Testamento" foi a de Márcion, um rico cristão originário de Sínope, na Ásia Menor e transferido para Roma por volta do ano 140. Márcion acreditava que a tradição hebraica havia sido completamente suplantada pelo Cristianismo e, por isso, todos os textos cristãos que denunciasses a menor influência judaica deveriam ser postos à parte. Assim, ele rejeitou três dos quatro evangelhos hoje considerados canônicos, aceitando apenas o de Lucas, depurado de deformações e adendos que ele julgava terem sido introduzidos por elementos "judaizantes". Das epístolas de Paulo, ele só aceitou como legítima dez delas, rejeitando as três epístolas pastorais e a epístola aos hebreus.

Márcion foi "excomungado" em 144, mas sua iniciativa chamou a atenção para a necessidade de se estabelecer um cânone oficial. Desenvolveu-se na Igreja o critério da primazia da autoria e dos ensinamentos dos apóstolos. Porém, a atribuição da autoria de determinados textos a esse ou àquele apóstolo foram, e ainda são, motivo de muitas controvérsias.

Começemos pelas epístolas paulinas. Já vimos que Márcion rejeitou a primeira e a segunda epístolas a Timóteo, bem como as epístolas a Tito e aos hebreus por não reconhecê-las como sendo de autoria de Paulo. A Igreja Católica, no entanto, incluiu-as em seu cânone. Hoje em dia, estudiosos parecem reconhecer que Márcion estava certo. Assim, o alemão Alfred Läßle afirma que a epístola aos hebreus foi escrita cerca do ano 80 e as epístolas a Timóteo e a Tito foram redigidas pelo ano 100, décadas após a morte de Paulo, ocorrida em 64 ou 67.

Elaine Pagels vai mais longe: junto a I Timóteo,

II Timóteo e Tito, ela também classifica as cartas aos efésios, aos colossenses e a segunda aos tessalonicenses como pseudopaulinas. Um dos motivos de Pagels para a rejeição dessas cartas é que elas enfatizam e exageram as opiniões "antifemininas" de Paulo: nelas, o apóstolo restringiria a participação das mulheres na vida da Igreja (como, por exemplo, em I Tm II, 12), o que é totalmente contrário a doutrina cristã. De fato, elas estão em contradição com outras cartas em que Paulo prestigia, não só os homens, mas também as mulheres que trabalhavam ativamente pela causa do cristianismo – por exemplo, no capítulo XVI da "Carta aos Romanos", onde Paulo chega a fazer referência a uma apóstola chamada Júnica. (6) A aceitação dessas epístolas no cânone teria ocorrido pelo ano 200. (7) Realmente, a mais antiga coletânea de cartas de Paulo data de 200/220 (papiros P 46, encontrados cerca de 100 Km ao sul do Cairo, em 1930) e contém as mesmas que se acham em nossas bíblias.

O mais antigo cânone elaborado pela Igreja Romana, de que se tem notícia, é aquele registrado no manuscrito denominado "Cânone Muratoriano", por ter sido descoberto em 1740 por Ludovico Antonio Muratori, na Biblioteca Ambrosiana de Milão. Data de 180, aproximadamente (8) e nele encontramos informações interessantes. Por exemplo: esse cânone rejeita as duas epístolas que supostamente teriam sido escritas por Paulo às igrejas de Laodicéia e Alexandria (trata-se das epístolas perdidas), por considerá-las como tendo sido forjadas por seguidores de Márcion. Informa que a igreja, naquela época, aceitava o livro deuterocanônico "Sabedoria", escrito segundo o cânone, por amigos do rei Salomão, em sua honra; hoje, esse livro ainda é considerado canônico pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas os protestantes o rejeitam, como já vimos.

Das epístolas católicas, parece que só aceitava três: a de Judas e duas das de João. É bom explicar que não

ês, a língua literária e litúrgica da Abissínia. Só recentemente encontrou-se, no deserto da Judéia, um exemplar, incompleto, do "Livro de Enoc" em aramaico. (5)

A formação do cânone cristão neotestamentário foi mais atribulada. A primeira tentativa de estabelecer uma listagem dos livros que deveriam compor o "Novo Testamento" foi a de Márcion, um rico cristão originário de Sínope, na Ásia Menor e transferido para Roma por volta do ano 140. Márcion acreditava que a tradição hebraica havia sido completamente suplantada pelo Cristianismo e, por isso, todos os textos cristãos que denunciassem a menor influência judaica deveriam ser postos à parte. Assim, ele rejeitou três dos quatro evangelhos hoje considerados canônicos, aceitando apenas o de Lucas, depurado de deformações e adendos que ele julgava terem sido introduzidos por elementos "judaizantes". Das epístolas de Paulo, ele só aceitou como legítima dez delas, rejeitando as três epístolas pastorais e a epístola aos hebreus.

Márcion foi "excomungado" em 144, mas sua iniciativa chamou a atenção para a necessidade de se estabelecer um cânone oficial. Desenvolveu-se na Igreja o critério da primazia da autoria e dos ensinamentos dos apóstolos. Porém, a atribuição da autoria de determinados textos a esse ou àquele apóstolo foram, e ainda são, motivo de muitas controvérsias.

Começamos pelas epístolas paulinas. Já vimos que Márcion rejeitou a primeira e a segunda epístolas a Timóteo, bem como as epístolas a Tito e aos hebreus por não reconhecê-las como sendo de autoria de Paulo. A Igreja Católica, no entanto, incluiu-as em seu cânone. Hoje em dia, estudiosos parecem reconhecer que Márcion estava certo. Assim, o alemão Alfred Läßle afirma que a epístola aos hebreus foi escrita cerca do ano 80 e as epístolas a Timóteo e a Tito foram redigidas pelo ano 100, décadas após a morte de Paulo, ocorrida em 64 ou 67.

Elaine Pagels vai mais longe: junto a I Timóteo,

II Timóteo e Tito, ela também classifica as cartas aos efésios, aos colossenses e a segunda aos tessalonicenses como pseudopaulinas. Um dos motivos de Pagels para a rejeição dessas cartas é que elas enfatizam e exageram as opiniões "antifemininas" de Paulo: nelas, o apóstolo restringiria a participação das mulheres na vida da Igreja (como, por exemplo, em I Tm II, 12), o que é totalmente contrário a doutrina cristã. De fato, elas estão em contradição com outras cartas em que Paulo prestigia, não só os homens, mas também as mulheres que trabalhavam ativamente pela causa do cristianismo – por exemplo, no capítulo XVI da "Carta aos Romanos", onde Paulo chega a fazer referência a uma apóstola chamada Júnica. (6) A aceitação dessas epístolas no cânone teria ocorrido pelo ano 200. (7) Realmente, a mais antiga coletânea de cartas de Paulo data de 200/220 (papiros P 46, encontrados cerca de 100 Km ao sul do Cairo, em 1930) e contém as mesmas que se acham em nossas bíblias.

O mais antigo cânone elaborado pela Igreja Romana, de que se tem notícia, é aquele registrado no manuscrito denominado "Cânone Muratoriano", por ter sido descoberto em 1740 por Ludovico Antônio Muratori, na Biblioteca Ambrosiana de Milão. Data de 180, aproximadamente (8) e nele encontramos informações interessantes. Por exemplo: esse cânone rejeita as duas epístolas que supostamente teriam sido escritas por Paulo às igrejas de Laodicéia e Alexandria (trata-se das epístolas perdidas), por considerá-las como tendo sido forjadas por seguidores de Márcion. Informa que a igreja, naquela época, aceitava o livro deuterocanônico "Sabedoria", escrito segundo o cânone, por amigos do rei Salomão, em sua honra; hoje, esse livro ainda é considerado canônico pela Igreja Católica Apostólica Romana, mas os protestantes o rejeitam, como já vimos.

Das epístolas católicas, parece que só aceitava três: a de Judas e duas das de João. É bom explicar que não

sabemos qual foi a epístola de João, das três hoje existentes em nossas bíblias, que não foi aceita pelo Cânone Muratoriano.

Nós nos surpreendemos, ainda, ao saber que, naquela época, a Igreja aceitava dois Apocalipses: o de João, que temos em nossas bíblias e outro, atribuído a Pedro; porém, o Cânone Muratoriano acrescenta que "alguns dos nossos não querem que sejam lidos na Igreja". (9)

Sobre o livro intitulado "Pastor", escrito por um certo Hermas, enquanto seu irmão Pio era bispo de Roma (140-155), o Cânone Muratoriano informa que "é necessário que seja lido, mas não pode ser apresentado na igreja, ao povo, nem como profeta, porque seu trabalho já se encontrava completo; nem como apóstolo, tendo vindo nos fins dos tempos". (10) Temos aqui mais uma amostra de como eram obscuros os critérios utilizados naquela época para definir se um livro deveria ou não ser considerado canônico.

O Cânone Muratoriano parece, também, inaugurar o primeiro "Index" dos livros proibidos, quando rejeita, taxativamente, qualquer obra escrita por autores como o gnóstico Valentino (que residiu em Roma por volta de 140-160 d.C., tendo antes morado em Alexandria, no Egito, onde a seita gnóstica tinha numerosos adeptos) ou o fundador da Igreja Catafrgia, Basírides.

Pela mesma época (isto é, por volta de 180 d.C.) o bispo de Lyon, Irineu (c. 130 - c. 202), escreveu um livro intitulado "Contra as Heresias" onde se queixava de que os "hereges" estavam espalhando a idéia de que existiriam outros evangelhos além dos quatro conhecidos. Irineu afirmava que os quatro evangelhos do "Novo Testamento" eram legítimos, simplesmente, porque foram escritos pelos próprios discípulos de Jesus e seus seguidores - que teriam testemunhado, em pessoa, os acontecimentos que relataram.

Por outro lado, é bom lembrar que os "hereges" também afirmavam que muitos dos seus escritos tinham origem apostólica (como seria o caso do "Evangelho de Tomé"). Irineu refutava essas afirmações dos "hereges", argumentando que seus escritos eram falsamente apostólicos. Porém, devemos raciocinar que, se por um lado, os hereges não poderiam provar a origem apostólica de seus escritos, do outro, também, o bispo Irineu e os cristãos ortodoxos em geral não podiam (e não podem, até hoje) provar a origem apostólica dos documentos considerados canônicos.

A historiadora e teóloga americana Elaine Pagels, no que se refere à autoria dos evangelhos, conclui pelo seguinte: "Mas alguns estudiosos modernos da Bíblia refutam essa noção: hoje poucos acreditam que foram contemporâneos de Jesus que realmente redigiram os evangelhos do "Novo Testamento". Embora Irineu, argumentando serem os únicos realmente legítimos, insista que eles foram escritos pelos próprios seguidores de Jesus, nós não sabemos virtualmente nada sobre as pessoas que escreveram os evangelhos que chamamos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Sabemos, apenas, que esses escritos são atribuídos a apóstolos (Mateus e João) ou a seguidores dos apóstolos (Marcos e Lucas)". (11)

Não contente em ter atribuído origem apostólica aos evangelhos canônicos, Irineu ainda quis demonstrar por que eles tinham de ser em número de quatro: era porque o mundo tem apenas quatro partes, quatro são os ventos cardiais e ainda porque o profeta Ezequiel tivera uma visão em que lhe apareceram quatro seres. "Chama ele, a isso, demonstração", comentaria sarcástico, séculos depois, o filósofo Voltaire. (12) Não obstante, a Igreja Católica acreditou na associação feita por Irineu entre os evangelhos e os seres vistos por Ezequiel. Assim, desde o Século IV, a iconografia católica faz representar Mateus por um anjo ou um menino, Marcos por um leão, Lucas por um boi e João por uma águia.

Ainda durante algum tempo, teólogos e eruditos cristãos continuaram a discutir a aceitação deste ou daquele escrito. Assim, o mais antigo historiador do Cristianismo, Eusébio de Cesaréia (c. 260 - c. 339), ainda não aceitava como canônicos a segunda epístola de Pedro, as epístolas de Tiago e Judas e as duas últimas de João. (13)

Na verdade, o cânone variou até mesmo segundo a área geográfica do Império Romano. Assim, enquanto as igrejas da parte oriental do império acolheram desde cedo as epístolas de Tiago, segunda de Pedro e aos hebreus, as da parte ocidental só as aceitaram no final do Século IV. (14) Por sua vez, as igrejas do Oriente tiveram dificuldades em aceitar o Apocalipse de João: um concílio local, reunido em Laodicéia, no ano 360, rejeitou-o.

No Ocidente, as discussões terminaram em 397, com o Concílio de Cartago, que definiu o cânone tal como se apresenta hoje em nossas bíblias. Ainda assim, o Papa Gelásio (pontífice entre 492 e 496) achou por bem promulgar um catálogo dos livros que deveriam ser considerados canônicos. As igrejas do Oriente, no entanto, não acataram essas decisões. O Apocalipse de João, por exemplo, só foi finalmente aceito pela Igreja Oriental durante o reinado de Justiniano (527-565), enquanto escritos rejeitados pela Igreja Ocidental continuaram a ser lidos no Oriente e até mesmo incluídos nas bíblias.

Duas das mais antigas bíblias hoje existentes incluem escritos considerados não canônicos. Uma é aquela conhecida como Códice Sinaitico, assim chamada por ter sido encontrada no Mosteiro Ortodoxo de Santa Catarina, no Monte Sinai, e remonta à segunda metade do Século IV da era cristã (350-400 d.C.).

Além dos escritos do Novo Testamento que hoje conhecemos, o Códice Sinaitico inclui também a "Epístola de Barnabé" e o "Livro do Pastor", de Hermas. Outra, redigida no Egito em meados do Século V ou talvez no fim daquele século (450-500 d.C.) e denominada Códice Ale-

xandrino, traz, junto aos livros canônicos, a "Epístola de Clemente Romano". (15) É significativo que estas bíblias sejam provenientes da antiga parte oriental do Império Romano. Foi provavelmente a resistência de várias igrejas e grupos heréticos que levou o Papa Gelásio a publicar um cânone dos livros que deveriam ser considerados sagrados, mesmo após o Concílio de Cartago já tê-lo definido, em 397 – não obstante, deve-se considerar que esse não foi um concílio ecumênico. (16)

Em 692, um concílio reunido em Constantinopla, e não reconhecido por Roma, procurou estabelecer o cânone bíblico da Igreja Oriental, que hoje é praticamente o mesmo da Católica Romana.

A Igreja da Etiópia, por sua vez, estabeleceu um cânone próprio, que inclui livros deuterocanônicos (como "Tobias" e "Judite") ou considerados, por outras igrejas, como "não inspirados" (como o "Pastor" de Hermas e o "Livro de Enoc"). (17)

NOTAS

01. Schiavo, José – Obra citada, p.10 (introdução).
02. Idem, ibidem, p. 11 (introdução).
03. Agostinho, Santo – "A Cidade de Deus", XV e XXIII, apud Roso de Luna, Mário – Obra citada, pp. 166 e 167.
04. Roso de Luna, Mário – Obra citada, p. 171.
05. Annequin, Guy – "As Civilizações do Mar Vermelho". Rio de Janeiro, Otto Pierre Editores, 1978, pp. 132 e 279.

06. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". pp. 90 e 92. Sobre a participação das mulheres na vida da Igreja, nos primórdios, veja Antoniazzi, Alberto e Cristiano, Henrique – Obra citada, p. 16, onde os autores enfocam, inclusive, o caso de Júnia.
07. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". p. 90.
08. Läpple, Alfred – Obra citada, pp. 123 e 124.
09. Apud Donini, Ambrogio – Obra citada, pp. 144.
10. Idem, ibidem.
11. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". p. 48.
12. Voltaire – "Dicionário Filosófico". Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d, p. 32 (verbete "Apocalipse").
13. Donini, Ambrógio – Obra citada, p. 62.
14. Hurbult, Jesse Lyman – Obra citada, p. 55, onde o autor fala das diferenças inicialmente existentes entre os cânones das igrejas do Ocidente e do Oriente.
15. Läpple, Alfred - Obra citada, pp. 28 e 30.
16. Hermínio C. Miranda deixa entender, realmente, que o cânone teria sido definido – pelo menos no que concerne ao Novo Testamento – pelo Concílio de Cartago: "Quando hoje pensamos em Evangelhos, temos em mente os documentos canônicos tradicionais, considerados de boa linhagem doutrinária pela Igreja, no Concílio de Cartago, em 397: os três sinóticos, o Evangelho de João, os Atos dos Apóstolos, as diversas epístolas e o Apocalipse de João" (Miranda, Herminio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto", p. 20).
17. Annequin, Guy – Obra citada, p. 278.

Capítulo V

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA APÓCRIFA

A palavra apócrifo vem do grego *apokryptein* (esconder), passando a idéia de algo que está escondido, que é secreto.

Designavam-se apócrifos, inicialmente, os escritos que não eram lidos publicamente nas igrejas, mas só "em segredo", isto é, em grupos particulares, em círculos religiosos mais estritos, "esotéricos" mesmo. Posteriormente, com a definição do cânone, passou-se a entender os apócrifos como sendo escritos "não autênticos", "não inspirados", "excluídos do uso litúrgico".

Podemos, a grosso modo, dividir os escritos apócrifos em dois grupos: o primeiro seria aquele constituído por escritos de aparência inocente, contendo narrativas muitas vezes folclóricas que pretendiam preencher lacunas dos textos canônicos, como, por exemplo, a escassez de dados sobre a infância de Jesus, seus familiares, sua juventude (o misterioso período de sua vida que vai dos 12 aos 30 anos), suas relações com os romanos, o que aconteceu aos seus apóstolos, e assim por diante; o segundo grupo seria constituído por escritos realmente "secretos" e "esotéricos" redigidos por cristãos da seita dos gnósticos.

Ao primeiro grupo, o dos textos que contêm narrativas "folclóricas", pertencem: o "Evangelho de Pedro", o "Evangelho do Pseudo-Mateus", o "Evangelho de Bartolomeu", o "Evangelho de Nicodemos" (que engloba os

Atos de Pilatos e a Descida de Jesus aos Infernos), o "Proto-evangelho de Tiago", os "Evangelhos da Infância de Jesus", os "Atos de Tomé", os "Atos de André", os "Atos de Paulo e Tecla", e os "Apocalipses" atribuídos a Tomé, Paulo, Estevão, Zacarias ou mesmo Maria de Nazaré. E não podemos deixar de incluir nesse grupo uma série de cartas apócrifas: a correspondência entre Pilatos e Tibério a respeito do processo e julgamento de Jesus, as cartas supostamente trocadas entre Paulo e o filósofo Sêneca, a carta escrita por Públio Léntulo ao senado e ao povo romano contendo a descrição de Jesus, e até mesmo uma carta enviada pelo próprio Jesus ao rei Abgar V, de Edessa. Havia muitos outros textos desse tipo, mas basta esta relação.

Do segundo grupo, o dos textos gnósticos, conhecem-se mais de cinquenta. Os cristãos gnósticos afirmavam que esses escritos continham ensinamentos "secrets" de Jesus e Paulo cuja existência era apenas sugerida pelos textos canônicos.

A esse respeito, afirma Elaine Pagels: "Se eles – ou algum deles – contém autênticos ensinamentos de Jesus e de seus discípulos, não sabemos, não mais do que sabemos sobre a autenticidade das palavras e ensinamentos do Novo Testamento". (1)

Faremos aqui uma listagem de apenas alguns desses escritos: "Evangelho de Maria Madalena", "Evangelho de Felipe", "Evangelho da Verdade" (cuja autoria é atribuída a Valentino), "Tratado sobre a Ressurreição", "Atos de João", "Epístola de Pedro a Felipe", "Segundo Apocalipse de Tiago", "Livro Secreto de João", "Livro Secreto de Tiago", "Pistis Sophia" (Fé Sabedoria) e outros. Também não se deve esquecer que se atribui muito frequentemente, origem gnóstica ao "Evangelho de Tomé" e ao "Apocalipse de Pedro".

Quanto à datação dos escritos apócrifos, sabemos que os mais antigos são de origem gnóstica: em sua

maioria, datam do Século II. (2)

Os escritos de cunho mais folclórico, popular, são, por outro lado, bastante tardios, dos Séculos IV, V e VI ou mesmo posteriores. (3) A "Carta de Léntulo", particularmente, só veio a público no Século XIV. (4) Ambrogio Donini opina, porém, que certos textos elaborados por grupos palestínianos "pertencem a um período antiquíssimo": o "Evangelho dos Hebreus", o "Evangelho dos Nazareus" e o "Evangelho dos Ebionitas". (5)

NOTAS

01. Pagels, Elaine – "Adão, Eva e a Serpente". p. 95.
02. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". pp. 14 e 15.
03. Donini, Ambrogio – Obra citada, p.63
04. Nunes, Danillo – Obra citada, p. 179. Para esse autor, a "Carta de Léntulo" foi mesmo forjada por falsificadores cristãos.
05. Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 63.

Capítulo VI

OCULTAÇÃO E DESTRUIÇÃO DE TEXTOS

"Jesus disse: Ai dos fariseus! pois assemelham-se a um cão dormindo na manjedoura do gado, porque nem come nem deixa o gado comer".

Evangelho de Tomé, Iógion 102.

Quando, pelo ano 303, o Imperador Diocleciano iniciou uma perseguição aos cristãos, tomou também o cuidado de ordenar o confisco e destruição em massa dos textos evangélicos. Contudo, as maiores destruições foram promovidas pelos próprios cristãos – ou por pessoas que assim se denominavam.

Em 367, Atanásio, arcebispo de Alexandria, ordenou que se destruísse todos os livros apócrifos com tendências "heréticas". Por volta do ano 447, o Papa Leão I, o Grande, ordenou que textos como, por exemplo, os "Atos de João", fossem queimados. Os círculos "heréticos", entretanto, continuaram a copiar e a esconder os "Atos de João". Por isso, ainda em 787, o Segundo Concílio de Nicéia teve de reiterar essa condenação, proibindo quem quer que fosse de copiar o livro e determinando que os exemplares existentes fossem queimados.

Ao que parece, essas perseguições se faziam sentir mais intensamente contra os escritos gnósticos – como era o caso dos "Atos de João". Entre outras razões, isso devia-se principalmente ao fato de a seita gnóstica des-

tacar-se pela independência de seus membros: eles acreditavam que cada cristão deveria procurar atingir individualmente a "iluminação", o conhecimento, sem a intermediação do clero católico. Aliás, o próprio vocábulo grego "gnosis" aplica-se em especial ao conhecimento obtido através da observação e da experiência. Conforme Elaine Pagels, "Da maneira como os gnósticos usam o termo, poderíamos traduzi-lo por percepção interior, pois a gnose envolve um processo intuitivo de conhecer-se a si mesmo". (1) O clero católico, autoritário, não poderia aceitar essa autonomia de consciências, daí a perseguição.

Alguns estudiosos, como Elaine Pagels e Hermínio C. Miranda, (2) acreditam que pelo menos um escrito gnóstico acabou por ser incorporado ao cânone dos escritos do "Novo Testamento", ainda que, provavelmente, à força de alterações e interpolações: o "Evangelho de João". Afirma Hermínio C. Miranda que o "Evangelho de João" é "um texto gnóstico que acabou por acomodar-se ao lado dos sinóticos, preservando sua identidade e suas características de origem. (...) Ele tem a estrutura, as imagens, o tom, o estilo e o conteúdo de um documento gnóstico". (3)

Em dezembro de 1945, o camponês árabe Muhammad Ali al-Salman encontrou, no deserto próximo à localidade egípcia de Nag Hammadi, uma grande urna de cerâmica que continha nada menos do que 52 textos gnósticos, entre os quais o célebre "Evangelho de Tomé". Elaine Pagels acredita que a urna tenha sido ocultada no deserto por ocasião da perseguição promovida em 367 pelo arcebispo Atanásio. (4) O calor e a secura do deserto preservaram os escritos por quase 1600 anos.

Alguns documentos provindos das comunidades cristãs da Palestina (ebionitas e nazoreus) e escritos originalmente em aramaico, teriam sido excluídos, por sua vez, por comprometerem os dogmas forjados pela Igreja

Católica no que se referia à concepção milagrosa de Jesus. Exemplo disso é que Santo Epifânio (c. 315 - c. 403) transmitiu-nos fragmentos do "Evangelho dos Ebionitas" que nada contém sobre o nascimento e a infância de Jesus, simplesmente porque tinham sido normais. (5) Um desses fragmentos afirma, com segurança, que "Jesus foi gerado de semente humana". (6) O mesmo fragmento deixa entender, ainda, que a messianidade de Jesus começou com o batismo (a "unção"). Este, na verdade, seria o mesmo posicionamento do evangelista Marcos, cujo texto ainda guarda, também, a lembrança do Cristo como criatura humana, não mencionando o nascimento virginal e lembrando a existência de seus irmãos. Também para Marcos, Jesus só se manifesta como messias a partir do batismo, por isto seu evangelho começa nesse ponto. "O Evangelho dos Ebionitas", contudo, era mais explícito, o que teria motivado a sua exclusão.

O que na verdade aconteceu é que as Igrejas grega e latina, tendo adquirido dos antigos pagãos e da mitologia greco-romana a idéia de que um deus pudesse tomar forma humana, ou de que um enviado divino devesse ser, necessariamente, filho de um deus com uma mulher mortal (como foram os casos de Hércules, Rômulo e Remo e tantos outros), fizeram de Jesus o "Filho de Deus", (7) concebido milagrosamente em Maria de Nazaré, da mesma forma como a mãe de Hércules fora engravidada miraculosamente por Zeus. Inclusive, os gregos diziam que as mulheres engravidadas por Zeus e Apolo continuaram virgens, da mesma forma como Maria de Nazaré teria continuado virgem. Essas idéias não poderiam ser aceitas pelos cristãos da Palestina que, vivendo numa terra onde nascera e vivera o Messias, tinham acesso a informações fidedignas. Lembremos também que, sendo os ebionitas e nazoreus (8) descendentes de judeus convertidos, conheciam melhor do que ninguém, o verdadeiro sentido e significado da palavra messias ("ungido"): um homem en-

viado por Deus para transmitir sua mensagem – um homem, repetimos, e não um deus vindo ao mundo em forma humana; criatura, não o próprio criador.

Acredita-se, outrossim, que textos que porventura contivessem referências – ainda que veladas – à reencarnação e à lei de causa e efeito também teriam sido excluídos. Vamos apresentar, como exemplo, um trecho do já referido "Livro do Pastor", também conhecido como "Pastor de Hermas", ou, simplesmente, "Pastor". Nele, a lei das reencarnações é descrita sob figuras de "pedras brancas, quadradas e lapidadas", tiradas da água para servirem na construção de um edifício espiritual: o reino de Deus. Lemos, então, no "Livro do Pastor": "Por que foram essas pedras tiradas de um lugar profundo e em seguida empregadas na estrutura dessa torre, pois que já estavam animadas pelo espírito? – Era necessário, diz-me o senhor, que antes de serem admitidas no edifício, fossem trabalhadas por meio da água. Não poderiam entrar no reino de Deus por outro modo que não fosse despojando-se da imperfeição da sua primeira vida". (9)

Nessa parábola, as pedras são as almas dos homens; as águas são as regiões obscuras, inferiores, as vidas materiais, de provação, durante as quais as almas são lapidadas, polidas, lentamente preparadas, tais como pedras brutas, a fim de tomarem lugar um dia no edifício da vida superior, do reino de Deus.

Como já foi dito, esse "Livro do Pastor" fez parte durante algum tempo do cânone, até que foi, finalmente, excluído.

O conhecimento sobre a reencarnação aparece de forma mais clara e explícita em um dos textos descobertos em Nag Hammadi, o "Apocalipse de Paulo" (versão copta). Evocando o episódio em que Paulo teria sido arrebatado ao terceiro céu (II Cor XII, 2-4), esse texto descreve seu arrebatamento não apenas ao terceiro, porém, mais além, ao quarto e até ao décimo céu.

"juízo" de um espírito pecador, que é trazido pelos anjos até a presença de um "guarda" (um espírito guarda). Este recrimina a alma pecadora pelas iniquidades que praticou e o espírito tenta retrucar dizendo ao "guarda" para trazer testemunhas que comprovem as acusações. Chegam então três espíritos tentadores que afirmam terem colaborado para que o "réu" cometesse seus crimes. Não podendo mais ocultar seus pecados, o espírito foi tomado de angústia e lançado "para baixo". O texto deixa claro que "Logo que foi lançada para baixo, a alma foi para um corpo que havia sido preparado (para ela)". (10)

Paulo ascende até, finalmente, reencontrar seus "companheiros em espírito" no décimo céu. O "Apocalipse" de Paulo deixa bem claro que os espíritos ainda pouco evoluídos têm o seu acesso às esferas superiores impedido, e são obrigados a reconhecer seus pecados. É interessante observar que, ao ser lançado "para baixo" (ao nosso mundo), o espírito pecador é conduzido a um corpo preparado especialmente para ele. Redigido por volta do ano 150 d.C. esse livro nos dá uma idéia das razões que levaram a Igreja Católica a perseguir grupos como o dos gnósticos, aos quais esse texto poderia ser atribuído. (11)

Do mesmo modo, têm circulado, com certa frequência, histórias e boatos, falando de escritos que conteriam revelações sobre a vida de Jesus e seus ensinamentos e que teriam sido tirados de circulação e ocultados em bibliotecas eclesásticas e governamentais. Hugh Schonfield, um dos decifradores dos célebres "Manuscritos do Mar Morto", fala claramente da existência de textos ainda fora do conhecimento público: "Não duvido que nos manuscritos que chegaram à Europa, cujas cópias estão em bibliotecas particulares e em algumas coleções monásticas ainda inacessíveis, existem fontes adicionais a serem exploradas. Ainda poderão vir à luz documentos perdidos, de cuja existência sabemos através de citações e refe-

rências. Não são poucos os que nos foram sendo devolvidos, inteiros ou fragmentados, durante o século passado, e isso apesar dos esforços dos ignorantes e dos inimigos, interessados em ocultar o seu conteúdo". (12)

Um caso, verídico, que comprova estas afirmações, é o do texto conhecido como "Didaqué", que estivera, durante séculos, talvez, oculto e esquecido numa biblioteca eclesástica. Foi o bispo grego Filoteu Bryennios quem o descobriu, casualmente, em 1883, numa codificação conservada na biblioteca do patriarcado ortodoxo de Jerusalém e que estivera, antes, guardada em Constantinopla.

Uma história algo semelhante tem sido contada a respeito de um escrito chamado "Evangelho da Paz dos Essênios". O texto, redigido em aramaico, a língua materna de Jesus, teria sido descoberto e divulgado no período entre as duas guerras mundiais pelo filólogo húngaro Dr. Edmund Bordeaux Szekely. O referido documento seria proveniente dos arquivos secretos da Biblioteca do Vaticano e teria chegado às mãos de Szekely por acaso. O escrito foi divulgado ao público, pela primeira vez, em 1927. (13)

Ulrich Holst, em artigo publicado na revista alemã "Esotera", (14) narrou o caso de uma editora de Munique (cujo nome ele não informa), que, desejando publicar traduções de alguns escritos considerados polêmicos, entre os quais, o "Evangelho da Paz dos Essênios", solicitou informações à Biblioteca do Vaticano e recebeu a seguinte resposta: "Nossa biblioteca possui vários manuscritos dos evangelhos, tanto na língua síria como em várias línguas eslavas (arcaicas). O senhor pode nos dar detalhes a esse respeito e também a fonte dos textos?" (15)

A editora forneceu todos os detalhes, fontes, etc., mas nunca mais recebeu qualquer resposta do Vaticano.

NOTAS

01. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". p. 17.
02. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". p. 141, e Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto". pp. 150 e 151.
03. Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto". pp. 150 e 151.
04. Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". p. 142.
05. Epifânio, Santo – "Panarion". XXX, 13; II, 105. Apud: Nunes, Danilo – Obra citada, p. 70 – n. 6 e Schonfield, Hugh – Obra citada, pp. 167 e 168.
06. Epifânio, Santo – "Panarion". XXX. Apud: Schonfield, Hugh – Obra citada, p. 167.
07. Como se todos nós não fôssemos filhos de Deus!
08. A seita palestina dos nazoreus (extinta desde o Século IV, como a dos ebionitas) é também conhecida como dos nazarenos.
09. Hermas – "Livro do Pastor". III, XVI, 3, 5, apud Denis, Léon – Obra citada, p. 49.
10. Kuntzmann, Raymond e Dubois, Jean-Daniel – "Nag Hammadi: O Evangelho de Tomé". São Paulo, Paulinas, 1990, p. 90.
11. Kuntzmann, Raymond e Dubois, Jean-Daniel – Obra citada, pp. 89 a 91.

12. Schonfield, Hugh – Obra citada, pp. 17 e 18.
13. Jack, Alex – "Jesus, Um iniciado essênio", artigo publicado na revista "Planeta", edição especial, nº 149-A, de fevereiro de 1985, pp. 20 a 24. Ver, também, o artigo de Holst, Ulrich – "Crise na Igreja – O Avanço do Esoterismo", publicado em "Planeta", nº 221, de fevereiro de 1991, pp. 18 a 23.
14. Trata-se do mesmo artigo que, traduzido para o português, foi publicado pela revista brasileira "Planeta", em sua edição de fevereiro de 1991.
15. Apud Holst, Ulrich – Artigo citado.

Capítulo VII

ALTERAÇÕES NOS TEXTOS

Por volta do ano 178, o filósofo platônico Celso escreveu em seu "Discurso Verdadeiro" que os cristãos de seu tempo não tinham o menor escrúpulo em alterar, "três ou quatro vezes, e mais ainda", o texto original do Evangelho, "para refutar as várias objeções a eles postas". (1)

Uma suposta profecia de Jesus, contida num texto aramaico denominado "Evangelho da Vida Perfeita", também fala dessas deturpações: "Mas depois chegarão pessoas que têm outras idéias e que por ignorância reprimirão muitas coisas que lhes falei, inventando outras que eu teria falado, mas na verdade nunca falei. Porém, chegará então o tempo em que as coisas que esconderam serão reveladas e a verdade se libertará das suas correntes". (2)

Infelizmente, embora muitas pessoas neguem que tenha havido qualquer alteração na Bíblia, alegando ingenuamente que "Deus não permitiria", a verdade é que hoje muitos tradutores e teólogos – tanto católicos como protestantes – já admitem que os textos sofreram uma série de deturpações. Exemplo disso é que uma criteriosa tradução da Bíblia para o inglês – a "New English Bible" – feita por homens considerados especialistas no assunto, traz uma observação informando que foram encontrados acima de 30.000 erros de tradução e mais de 2.000 interpolações. (3) Cabe explicar que se dá o nome de "interpolações" às alterações feitas nos textos, colocando-

se neles palavras ou frases que antes não existiam.

Será interessante mostrar algumas destas alterações. Começaremos pelas interpolações colocadas no texto do "Evangelho de João", por serem das mais gritantes.

Em 1920, o papirólogo inglês Greenfeld adquiriu no Egito um pedaço de papiro que continha Jo XVIII, 31-33, 37s, em grego. Esse simples fragmento, conhecido pelo código "P 52", não ajudou a reconstituir o texto original, mas permitiu ao professor G. H. Roberts demonstrar, em 1935, que o evangelho atribuído a João já existia pelo ano 125 d.C.

Foi só em 1956 que veio a público, por intermédio do Prof. Victor Martin, da Universidade de Genebra, a descoberta de um texto de João em melhor estado, proveniente também do Egito e em grego. Dos textos do "Evangelho de João", em bom estado, é o mais antigo: data cerca de 150 d.C. e é conhecido pelo código "P 66".

Pois bem, esse exemplar mais antigo do "Evangelho de João" ignora totalmente passagens famosas que só foram incluídas no texto posteriormente.

Exemplo disso é o fim do versículo 3 e todo o versículo 4 do capítulo V do "Evangelho de João". Essas frases foram colocadas posteriormente no texto original como uma glosa, visando apenas explicar porque nos porticos do tanque de Betesda havia tantos enfermos, cegos, coxos e paráliticos. Segundo essa interpolação, é que eles "esperavam o movimento da água" (fim do versículo 3) "pois de tempos em tempos um anjo do Senhor descia ao tanque, e a água se punha em movimento. E o primeiro que entrasse no tanque, depois da agitação da água, ficava curado de qualquer doença que tivesse" (versículo 4). Esses trechos, repetimos, faltam não só no papiro "P 66", mas também em outros manuscritos gregos antigos.

Outra passagem que não existia em João é a narração da multiplicação dos pães e dos peixes, seguida pela

do milagre de Jesus andando sobre as águas do Mar da Galiléia: os versículos 11 a 35 do capítulo VI – que contém essas narrativas nas bíblias atuais – simplesmente não existe no “P 66”. No texto original, ao ser informado de que não há alimento para o povo que o segue, Jesus simplesmente manda as pessoas sentarem-se (atual versículo 10) e então inicia um discurso (pula para o atual versículo 36) onde informa que ele, Jesus, é o “pão da vida”.

Na verdade, as passagens em que o Cristo multiplica os pães e, depois, em que caminha sobre as águas, foram tiradas dos evangelhos sinóticos e acrescentadas ao “Evangelho de João”, como está provado no manuscrito “P 66”, o mais antigo exemplar do evangelho.

Também a bela passagem sobre a mulher adúltera, que Jesus livrou de ser apedrejada, não existiria no texto original. Os 11 versículos que contêm essa narrativa (Jo VIII, 1-11) faltam em muitos manuscritos gregos antigos. (4) De fato, a história da mulher adúltera encontra-se tão isolada e deslocada no texto de João que, se retirarmos os 11 versículos que a compõem, o evangelho não sofrerá descontinuidade: é o que acontece em muitos exemplares antigos. Tradutores católicos admitem que se trata de “uma adição posterior a São João”. (5)

E, finalmente, todo o capítulo XXI foi acrescentado no “Evangelho de João” – originalmente, ele terminava no versículo 31 do capítulo XX. (6) Acredita-se que foi um dos próprios discípulos do apóstolo que acrescentou esse capítulo. (7)

A esse respeito, comentou León Denis: “Se reconhecemos que foi acrescentado um capítulo inteiro a esse evangelho, seremos levados a concluir que numerosas interpolações poderiam ter sido feitas igualmente”. (8) De fato, é o que se verifica.

O “Evangelho de Marcos” também recebeu interpolações. Afirma Ambrogio Donini que “Basta observar que

as duas cópias mais antigas que possuímos do Evangelho de S. Marcos terminam com o versículo 8 do cap. XVI; os últimos 12, com relato da ressurreição e da subida ao céu, de Jesus, foram acrescentados mais tarde. Um manuscrito, recentemente assinalado por alguns críticos, dá indicação de que esta parte se deveria a um tal Aristião, que viera de Jerusalém para a Ásia Menor, no início do século II, e que tinha sido chamado ‘discípulo do Senhor’ por Pápia de Hierápolis”. (9)

As versões do “Novo Testamento” por nós consultadas trazem comentários de seus tradutores que, além de confirmar o que Donini escreveu sobre Mc XVI, 9-20, acrescentam que os seguintes versículos do mesmo evangelho seriam, também, interpolações, por faltarem em vários manuscritos gregos: VII, 16; X, 44 e 46; parte de X, 24 (as palavras: “os que põem a sua confiança nas riquezas”); XI, 26 e XV, 28. (10)

Para encerrar esse assunto das interpolações, vamos, finalmente, abordar o problema da expressão “Espírito Santo” que, originalmente, não existia no “Novo Testamento”.

Segundo a definição de Léon Denis, “A palavra espírito (pneuma) ficou sendo a expressão usada para designar uma inteligência privada de corpo carnal”. (11)

E continua León Denis: “Essa palavra, pneuma, traduziu-a S. Jerônimo como “spiritus”, reconhecendo, como os evangelistas, que há bons e maus espíritos. A idéia de divinizar o Espírito não surgiu senão no século II. Foi somente depois da Vulgata que a palavra “sanctus” foi constantemente ligada a palavra “spiritus”, não conseguindo essa junção, na maioria dos casos, senão tornar o sentido mais obscuro e mesmo, às vezes, ininteligível. Os tradutores franceses dos livros canônicos foram ainda mais longe a esse respeito e contribuíram para desnaturar o sentido primitivo”. (12)

Além da interpolação da palavra "sanctus" na versão em latim também houve a inclusão de um artigo definido ("o" Espírito Santo) que não existia no original grego, onde o artigo é, na verdade, indefinido ("um" espírito santo, ou simplesmente "um" espírito). Isto foi verificado pelo professor Carlos Juliano Torres Pastorino, ex-sacerdote, teólogo pelo Colégio Internacional Santo Antônio Maria Zaccaria (Roma), professor de Grego e Latim da Universidade de Brasília. (13) Assim, por exemplo, na passagem em que o anjo Gabriel anuncia a Zacarias o nascimento de João Batista (Lc I, 15), o original grego informa que, já no ventre materno, a criança que se chamará João Batista encontra-se cheia (vivificada) por "um" espírito que é santo, isto é, o anjo afirma a Zacarias que João é um espírito já santificado antes mesmo de nascer. (14) Tradutores católicos e protestantes corromperam o sentido desse e de outros versículos acrescentando o artigo definido; desse modo, o citado versículo (Lc I, 15) ficou assim "... e desde o ventre de sua mãe será cheio "do" Espírito Santo". (15)

Coisa semelhante dá-se na anunciação do nascimento de Jesus, em Lucas (I, 35): "Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo (no original em grego: um espírito) descenderá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus". (16) Em grego, na verdade, este versículo também não traz o artigo definido, denotando indeterminação: "um" espírito santo descenderá sobre ti... Esse versículo é assim comentado por Hermínio C. Miranda: "Na realidade, porém, não é difícil depreender que a idéia primitiva, original, foi apenas a de informar que um espírito de elevada condição viria encarnar-se por intermédio de Maria". (17)

Também a célebre conversa de Jesus com Nicodemos foi adulterada com a inclusão de artigos definidos que não existiam no texto original: no versículo 5 do capi-

tulo III de João deve-se ler "nascer 'em' água" ou "nascer por meio de água" (quer dizer, nascer por meios naturais, na matéria, representada aqui pela água) e não "renascer da água", como se encontra nas versões atuais (18).

Tudo isso levou Hermínio C. Miranda a afirmar que "A expressão Espírito Santo resultou de um infeliz entendimento, provavelmente de origem lingüística, como assinala o Prof. Carlos T. Pastorino. Em vez de 'um espírito santo ou santificado' a manifestar-se por meio do profeta (médium), passou a ser o Espírito Santo – manifestação do próprio Deus". (19)

E assim é que Léon Denis, ao traduzir Lucas XI, 13, do texto grego, chegou ao seguinte resultado: "Portanto, se bem que sejais maus, sabeis, dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu 'um bom espírito' àqueles que lho pedirem". (20)

Explica Léon Denis que "As traduções francesas trazem o Espírito Santo. É um contra-senso. Na Vulgata, tradução latina do grego, está escrito 'spiritum bonum', palavra por palavra, espírito bom. A Vulgata não fala absolutamente do Espírito Santo. O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o Espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do Século II". (21)

De fato, quando o diácono Estevão foi apedrejado, teve a seguinte visão, descrita em Atos VII, 55s: "Mas, cheio do Espírito Santo, Estevão fitou o céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus: 'Eis que vejo, disse ele, os céus abertos e o Filho do homem, de pé, à direita de Deus'."

Estevão teve uma visão da "glória de Deus", no céu, com Jesus ao seu lado. Ele viu a Jesus como alguém inteiramente distinto de Deus em identidade. E não havia uma "terceira pessoa" no que Estevão viu. O espírito santo não foi visto no céu com Jesus e o Pai.

Além da interpolação da palavra "sanctus" na versão em latim também houve a inclusão de um artigo definido ("o" Espírito Santo) que não existia no original grego, onde o artigo é, na verdade, indefinido ("um" espírito santo, ou simplesmente "um" espírito). Isto foi verificado pelo professor Carlos Juliano Torres Pastorino, ex-sacerdote, teólogo pelo Colégio Internacional Santo Antônio Maria Zaccaria (Roma), professor de Grego e Latim da Universidade de Brasília. (13) Assim, por exemplo, na passagem em que o anjo Gabriel anuncia a Zacarias o nascimento de João Batista (Lc I, 15), o original grego informa que, já no ventre materno, a criança que se chamará João Batista encontra-se cheia (vivificada) por "um" espírito que é santo, isto é, o anjo afirma a Zacarias que João é um espírito já santificado antes mesmo de nascer. (14) Tradutores católicos e protestantes corromperam o sentido desse e de outros versículos acrescentando o artigo definido; desse modo, o citado versículo (Lc I, 15) ficou assim "... e desde o ventre de sua mãe será cheio "do" Espírito Santo". (15)

Coisa semelhante dá-se na anunciação do nascimento de Jesus, em Lucas (I, 35): "Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo (no original em grego: um espírito) descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus". (16) Em grego, na verdade, este versículo também não traz o artigo definido, denotando indeterminação: "um" espírito santo descerá sobre ti... Esse versículo é assim comentado por Hermínio C. Miranda: "Na realidade, porém, não é difícil depreender que a idéia primitiva, original, foi apenas a de informar que um espírito de elevada condição viria encarnar-se por intermédio de Maria". (17)

Também a célebre conversa de Jesus com Nicodemos foi adulterada com a inclusão de artigos definidos que não existiam no texto original: no versículo 5 do capí-

tulo III de João deve-se ler "nascer 'em' água" ou "nascer por meio de água" (quer dizer, nascer por meios naturais, na matéria, representada aqui pela água) e não "renascer da água", como se encontra nas versões atuais (18).

Tudo isso levou Hermínio C. Miranda a afirmar que "A expressão Espírito Santo resultou de um infeliz entendimento, provavelmente de origem lingüística, como assinala o Prof. Carlos T. Pastorino. Em vez de 'um espírito santo ou santificado' a manifestar-se por meio do profeta (médium), passou a ser o Espírito Santo – manifestação do próprio Deus". (19)

E assim é que Léon Denis, ao traduzir Lucas XI, 13, do texto grego, chegou ao seguinte resultado: "Portanto, se bem que sejais maus, sabeis, dar boas coisas a vossos filhos, com muito mais forte razão vosso Pai enviará do céu 'um bom espírito' àqueles que lho pedirem". (20)

Explica Léon Denis que "As traduções francesas trazem o Espírito Santo. É um contra-senso. Na Vulgata, tradução latina do grego, está escrito 'spiritum bonum', palavra por palavra, espírito bom. A Vulgata não fala absolutamente do Espírito Santo. O primitivo texto grego ainda é mais frisante, e nem doutro modo poderia ser, pois que o Espírito Santo, como terceira pessoa da Trindade, não foi imaginado senão no fim do Século II". (21)

De fato, quando o diácono Estevão foi apedrejado, teve a seguinte visão, descrita em Atos VII, 55s: "Mas, cheio do Espírito Santo, Estevão fitou o céu e viu a glória de Deus e Jesus de pé à direita de Deus: 'Eis que vejo, disse ele, os céus abertos e o Filho do homem, de pé, à direita de Deus'."

Estevão teve uma visão da "glória de Deus", no céu, com Jesus ao seu lado. Ele viu a Jesus como alguém inteiramente distinto de Deus em identidade. E não havia uma "terceira pessoa" no que Estevão viu. O espírito santo não foi visto no céu com Jesus e o Pai.

Texto algum, em toda a Bíblia, fala de Deus como trindade.

Exemplo clássico de como o dogma da Santíssima Trindade foi interpolado no texto bíblico está na tradução de João Ferreira de Almeida dos versículos 7 e 8 do capítulo V da Primeira Epístola de João: "7. Porque três são os que testificam no céu: o Pai, o Verbo, o Espírito Santo, e estes três são um. 8. E três são os que testificam na terra: o Espírito e a água e o sangue, e estes três concordam num."

Pois bem, foi verificado que, nos originais, o versículo 7 não traz nenhuma alusão à Trindade. Por isso, os monges de Maredsous traduziram essa passagem assim: "7. São, assim, três os que dão testemunho: 8. o Espírito, a água e o sangue, e estes três dão o mesmo testemunho." Uma outra instituição católica, a Escola Bíblica de Jerusalém, chegou à mesma conclusão: não há, em I Jo V, 7 e 8 qualquer referência à Trindade. (22)

No início do Século XX, Léon Denis colheu do reverendo Leblois, pastor em Strasburgo o seguinte depoimento, que comprova o que acabamos de afirmar: "Vimos, diz Leblois, na Biblioteca Nacional, na de Santa Genoveva, na do Mosteiro de Saint-Gall, manuscritos em que o dogma da Trindade está apenas acrescentado à margem. Mais tarde foi intercalado no texto, onde se encontra ainda". (23)

*
* *

Os livros do "Velho Testamento" também sofreram, é claro, adulterações semelhantes, mas vamos expor, apenas, dois exemplos.

O primeiro é tirado do "Gênesis" VI, 4. Nas atuais traduções desse versículo lemos que "Naquele tempo (antes do Dilúvio) viviam gigantes na terra (...)." A respei-

to desse versículo, o historiador judeu Zecharia Sitchin adverte que o termo hebraico "nefilim", geralmente traduzido como "gigantes", na verdade significa literalmente, "aqueles que foram lançados sobre (a Terra)", o que é bem diferente. (24)

Já o outro erro tem um sabor anedótico: Martinho Lutero, ao verter a Bíblia para o alemão, traduziu assim a passagem do "Livro de Samuel", onde Davi instrui seus guerreiros sobre como tomar a cidade de Jerusalém (II Sm, V, 8): "Quem ferir os jebusitas e chegar à goteira..." O que Lutero traduziu por "goteira", tornando o texto incompreensível é a palavra hebraica "sinnor", que significa cano, canal ou galeria.

De fato, no ano de 1867, o capitão inglês Warren descobriu uma galeria que, saindo da fonte de Gion (atualmente "Fonte da Virgem Maria"), no vale de Cedron e, portanto, fora das muralhas de Jerusalém, conduzia ao interior da cidade. Isso foi comprovado na década de 1960 pela arqueóloga britânica Kathleen M. Kenyon (25). A galeria havia sido escavada pelos primitivos habitantes de Jerusalém para que, em caso de sítio, eles pudessem pegar água na fonte. Davi a descobriu e usou-a para invadir a cidade. E a tradução do citado versículo deve ser: "Quem quiser abater os jebuseus, siga o Canal, ...". (26)

*
*
*

Para fechar este capítulo com "chave de ouro", transcrevemos, abaixo, a tradução de um belo trecho do "Evangelho da Paz dos Essênios":

"E Jesus sentou-se na mesa deles e disse: Deveras, eu lhes digo, ninguém pode ser feliz sem obedecer às leis. E os outros responderam: Nós todos obedecemos às leis de Moisés, que trouxe os Mandamentos, exatamente como dizem as escrituras sagradas. E respondeu

Jesus: Não procureis a Lei nas escrituras, porque a Lei é a Vida, enquanto as escrituras estão mortas. Deveras, eu digo, Moisés não recebeu as Leis de Deus por escrito, mas através do Verbo Vivo. A Lei é a palavra viva de Deus Vivo, transmitida aos profetas vivos para ser transmitida, por sua vez, aos seres humanos vivos."

"A Lei se encontra em tudo que é vivo. Ela está na grama, nas árvores, no rio, na montanha, nos pássaros do céu, nos peixes do mar, mas principalmente deveis procurá-la em vós mesmos. Porque na verdade, eu digo, todas as coisas vivas estão mais próximas de Deus que as escrituras, que não têm vida. Assim, Deus fez a vida e todas as coisas vivas, para que elas pudessem, através do Verbo Eterno, ensinar as Leis do verdadeiro Deus aos homens."

"Deus não escreveu as leis nos livros, mas em vossos corações e em vossos espíritos. As leis se encontram em vosso alento, vosso sangue, vossos ossos, vossa carne, vossos intestinos, olhos, ouvidos e até nas partes mais pequeninas de vosso corpo. Elas se acham presentes no ar, na água, na terra, nas plantas, nos raios do Sol, em cima e em baixo. Todas as coisas falam convosco para que vós compreendais a língua do Deus Vivo. Mas vós fechais vossos olhos para não ver, vossos ouvidos para não ouvir. Deveras, eu digo, as escrituras são trabalho dos homens, mas a vida e tudo que é vivo é o trabalho de nosso Deus."

"Porque não ouvís as palavras de Deus escritas em suas obras vivas, e por que estudais escrituras mortas feitas pelo homem?". (27)

NOTAS

01. Orígenes – "Contra Celso", capítulo XX; apud Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 65.

02. Apud Holst, Ulrich – Artigo citado.
03. Conforme publicado em "Planeta", Nº 177, junho de 1987, p. 56.
04. É o que nos informam, por exemplo, os responsáveis pela versão, em língua portuguesa, da Bíblia traduzida pelos monges beneditinos de Maredsous, Bélgica. Também o "Novo Testamento" publicado em português pela Liga Bíblica Mundial sob o título "O Mais Importante é o Amor" traz observações informando que a maioria dos manuscritos antigos omitem Jo VII, 1-11 e V, 3-4.
05. Comentário, em pé de página, à João VIII, 1-11, da tradução da Bíblia pelos monges de Maredsous, 58ª edição, São Paulo, Editora Ave Maria, 1987, p. 1395.
06. Comentário, em pé de página, à João XX, 31, da tradução da Bíblia pelos monges de Maredsous, edição citada, p. 1412. Veja-se também: Denis, Léon – Obra citada, p. 270.
07. Conforme o mesmo comentário, acima citado, da Bíblia.
08. Denis, Léon – Obra citada, p. 270.
09. Donini, Ambrogio – Obra citada, pp. 65 - 66.
10. É o que nos informam a Bíblia dos monges beneditinos de Maredsous e a versão "O Mais Importante é o Amor".
11. Denis, Léon – Obra citada, 276.

12. Idem, *ibidem*, pp. 276 e 277.
13. Pastorino, Carlos Juliano Torres – "Sabedoria do Evangelho" (1º volume), Rio de Janeiro, Editora Sabedoria, 1967. Apud: Nunes Filho, Americo Domingos e Milleco Filho, Luiz Antônio – "Cartas a um Sacerdote", 1ª edição, Capivari (SP), Editora Espírita Mensagem de Esperança, 1992, pp.46 e 57. Pastorino também é citado por: Miranda, Hermínio C. – "Cristianismo: A Mensagem Esquecida", 1ª edição, Matão (SP), Casa Editora O Clarim, 1988, pp. 212-213 e também em outra obra de Hermínio C. Miranda: "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto", p. 41.
14. Nunes Filho, Americo Domingos e Milleco Filho, Luiz Antônio – Obra citada, p. 46.
15. Tradução mediante a versão dos monges de Maredsous (Bélgica), p. 1345.
16. Idem, *ibidem*, p. 1346.
17. Miranda, Hermínio C. – "Cristianismo: A Mensagem Esquecida", p. 213.
18. E ainda nisso as versões atuais discordam: a de João Ferreira de Almeida, protestante, fala em "nascer da água" ("O Novo Testamento", Companhia Publicadora Nacional/Os Gideões Internacionais, 1977, p. 174), o mesmo se verificando na versão protestante 'O Mais Importante É o Amor', enquanto a dos monges beneditinos de Maredsous fala em "Renascer da água" (p. 1386). Qual é a certa: nascer ou renascer?
19. Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto", p. 41.

20. Denis, León – Obra citada, p. 277 (os grifos são nossos).
21. Idem, *ibidem*.
22. Miranda, Hermínio C. – "Cristianismo: A Mensagem Esquecida". p. 170. Hermínio Miranda consultou a célebre tradução da Bíblia produzida pela École Biblique de Jerusalém e denominada "Bíblia de Jerusalém" (publicada no Brasil pelas Edições Paulinas).
23. Denis, Léon – Obra citada, p. 272.
24. Sitchin, Zecharia – "A Escada para o Céu". 1ª edição, São Paulo, Nova Cultural, s/d., pp. 128-129.
25. Keller, Werner – Obra citada, pp. 177-178.
26. Versão dos Monges de Maredsous, p. 341.
27. Apud Holst, Ulrich – Artigo citado.

CONCLUSÃO

A vida e os ensinamentos de Jesus têm, admitimos, algo de divino, realmente. Contudo, mãos profanas esforçaram-se em adulterar a sua mensagem.

É difícil, para muitas pessoas, aceitar que a maior parte do "Novo Testamento" seja, na verdade, de origem humana, mas, infelizmente, é isso o que acontece: a divina mensagem do Cristo quase fica obscurecida em meio a acréscimos desnecessários e deturpações criminosas.

Apesar de tudo, podemos distinguir com clareza a mensagem mais importante de Jesus, mesmo em meio a tantas interferências humanas: "Ama a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a ti mesmo".

Todo o resto é apenas comentário.

Apêndice I

QUADRO GERAL DA EVOLUÇÃO DO CÂNONE DO NOVO TESTAMENTO

I – O CÂNONE DE MÁRCION

Por volta do ano 140, em Roma, um cristão chamado Márcion elaborou, pela primeira vez, ao que se sabe, uma listagem dos escritos que deveriam compor o "Novo Testamento". Tal relação compunha-se apenas de: (1)

- Um único evangelho, que seria o de Lucas, expurgado de trechos que Márcion considerava ilegítimos.

- Apenas dez das cartas atribuídas à Paulo: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses e Filêmon.

- Márcion rejeitou, como ilegítimas, as chamadas "epístolas pastorais": I e II Timóteo e Tito. Do mesmo modo, Márcion também rejeitou a epístola aos Hebreus.

II – O CÂNONE MURATORIANO

O mais antigo cânone que teria sido apresentado oficialmente pela Igreja de Roma é aquele contido no documento denominado "Cânone Muratoriano" datado de 180/200 d.C.. Tal cânone assinalava como legítimos os seguintes escritos: (2)

- Os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

- Os Atos dos Apóstolos.

- As cartas de Paulo: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito e Filêmon.

- Apenas quatro das "epístolas católicas": Tiago, I e II João e Judas.

- Dois apocalipses: o de João e um outro atribuído a Pedro.

- A Sabedoria de Salomão.

- Para ser utilizado no culto particular, mas não no culto público: O Pastor de Hermas.

- O Cânone Muratoriano rejeitou duas epístolas atribuídas a Paulo e que hoje estão perdidas: aquelas que o apóstolo teria escrito aos Laodiceus e aos Alexandrinos. (3)

III – O CÂNONE DE ORÍGENES

O teólogo Orígenes (c. 185-254 d.C.), de Alexandria, no Egito, apontava como legítimos os seguintes textos: (4)

- Os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

- Os Atos dos Apóstolos.

- As cartas de Paulo: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito e Filêmon.

- Apenas duas das "epístolas católicas": I Pedro e I João.

- O Apocalipse de João.

Orígenes considerava discutíveis as seguintes epístolas: Hebreus, Tiago, II Pedro, II e III João e Judas.

- Orígenes também considerou como passíveis de discussão os seguintes textos: Evangelho dos Hebreus, Carta de Barnabé, Didaqué e Pastor de Hermas. Não obstante, afirma Léon Denis que Orígenes se refere ao Pastor de Hermas "com respeito", (5) o que significaria que ele considerava a possibilidade do escrito ser autêntico.

IV – O CÂNONE DE EUSÉBIO

O historiador cristão Eusébio de Cesaréia (c. 260-340 d.C.) reconheceu como autênticos os seguintes escritos: (6)

- Os quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João.

- Os Atos dos Apóstolos.

- As cartas de Paulo: Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito e Filêmon.

- Apenas duas das "epístolas católicas": I Pedro e I João.

- O Apocalipse de João.

- Eusébio cita como discutíveis as seguintes epístolas: Tiago, II Pedro, II e III João e Judas. (7) Ele não faz qualquer referência a Hebreus.

- Deveriam ser definitivamente excluídos, na opinião de Eusébio, os seguintes textos: Evangelho dos Hebreus, Atos de Pedro, Atos de Paulo, Carta de Barnabé, Apocalipse de Pedro, Pastor de Hermas e Didaqué. (8)

V – O CÂNONE DO CONCÍLIO DE CARTAGO

Esta lista foi elaborada por Atanásio, arcebispo de Alexandria, em 367. Mais tarde, em 397, o Concílio de Cartago adotou-a como sendo o cânone oficial das igrejas do Ocidente. (9) Por se tratarem dos mesmos escritos que ainda hoje figuram em nossas bíblias, achamos superfluo pormenorizar esta relação.

NOTAS

01. Drane, John William – "A vida da Igreja Primitiva". São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 90-91; Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 141.
02. Drane, John William – Obra citada, p. 86; Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 144.
03. Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 144.
04. Drane, John William – Obra citada, p. 86.
05. Denis, Léon – Obra citada, p. 61, n. 40.
06. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91.
07. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91; Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 62.
08. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91.
09. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91; Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto". p. 20.

Apêndice II

**ALGUMAS PASSAGENS DO
"EVANGELHO DE TOMÉ"**

"Eis as palavras secretas que Jesus, o Vivo, disse e que Dídimos Judas Tomé escreveu" (introdução).

"Jesus disse: – Se aqueles que os guiam lhes disserem: – Eis que o Reino está nos céus, então as aves do céu lhes precederam. Se lhes disserem que ele está no mar, então os peixes já lhes precederam. Mas o Reino está dentro de vocês e também fora de vocês. Quando vocês conhecerem a si mesmos, então serão conhecidos e saberão que são filhos do Pai Vivo. Mas, se vocês não conhecerem a si mesmos, então vocês estão na pobreza e são a pobreza" (lógion 3).

"Seus discípulos interrogaram-no, dizendo: – Queres que jejuemos? Como devemos orar? Devemos dar esmolas? E que normas observaremos ao comer? Jesus disse: – Não mintam e não façam aquilo que é odioso, porque tudo será desvelado perante o Céu. Nada há, com efeito, oculto que não venha a tornar-se manifesto, e nada encoberto que permaneça sem ser descoberto" (lógion 6).

"Os discípulos disseram a Jesus: – Dize-nos como será o nosso fim. Jesus disse: – Já descobriram vocês o princípio para procurarem saber como é o fim? Pois onde está o princípio, aí estará o fim. Feliz aquele que se coloca no princípio; ele conhecerá o fim e não provará a morte" (lógion 18).

NOTAS

01. Drane, John William – “A vida da Igreja Primitiva”. São Paulo, Paulinas, 1985, pp. 90-91; Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 141.
02. Drane, John William – Obra citada, p. 86; Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 144.
03. Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 144.
04. Drane, John William – Obra citada, p. 86.
05. Denis, Léon – Obra citada, p. 61, n. 40.
06. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91.
07. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91; Donini, Ambrogio – Obra citada, p. 62.
08. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91.
09. Drane, John William – Obra citada, pp. 87 e 91; Miranda, Hermínio C. – “O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto”. p. 20.

Apêndice II

**ALGUMAS PASSAGENS DO
“EVANGELHO DE TOMÉ”**

“Eis as palavras secretas que Jesus, o Vivo, disse e que Dídimos Judas Tomé escreveu” (introdução).

“Jesus disse: – Se aqueles que os guiam lhes disserem: – Eis que o Reino está nos céus, então as aves do céu lhes precederam. Se lhes disserem que ele está no mar, então os peixes já lhes precederam. Mas o Reino está dentro de vocês e também fora de vocês. Quando vocês conhecerem a si mesmos, então serão conhecidos e saberão que são filhos do Pai Vivo. Mas, se vocês não conhecerem a si mesmos, então vocês estão na pobreza e são a pobreza” (lógion 3).

“Seus discípulos interrogaram-no, dizendo: – Queres que jejuemos? Como devemos orar? Devemos dar esmolas? E que normas observaremos ao comer? Jesus disse: – Não mintam e não façam aquilo que é odioso, porque tudo será desvelado perante o Céu. Nada há, com efeito, oculto que não venha a tornar-se manifesto, e nada encoberto que permaneça sem ser descoberto” (lógion 6).

“Os discípulos disseram a Jesus: – Dize-nos como será o nosso fim. Jesus disse: – Já descobriram vocês o princípio para procurarem saber como é o fim? Pois onde está o princípio, aí estará o fim. Feliz aquele que se coloca no princípio; ele conhecerá o fim e não provará a morte” (lógion 18).

"Jesus disse: – Ame seu irmão como à sua própria alma; vele por ele como pela menina dos seus olhos" (Ió-gion 25).

"Jesus disse: – Estive no meio do mundo e me manifestei a eles na carne. Encontrei-os a todos bêbados e nenhum deles com sede; e minha alma sofreu pelos filhos dos homens, pois eles são cegos em seus corações e não enxergam que vieram ao mundo vazios e vazios procuram sair do mundo. Agora estão bêbados e só se arrependerão quando abandonarem o vinho" (Ió-gion 28).

"Seus discípulos disseram: – Em que dia te revelará a nós e em que dia te veremos? Jesus disse: – Quando vocês se despirem e não se sentirem envergonhados, tirarem suas roupas e as colocarem sob os pés, como as crianças, e pisarem nelas; então vocês verão o Filho do Deus Vivo e nada temerão" (Ió-gion 37).

"Jesus disse: – Sejam transeuntes" (Ió-gion 42).

"Jesus disse: – Mostrem-me a pedra que os construtores rejeitaram – ela é a pedra angular" (Ió-gion 66).

"Seus discípulos lhe disseram: – Em que dia virá o Reino? Jesus disse: – Não será percebido quando vier. Não se dirá: ei-lo aqui, ou ei-lo ali; mas o Reino do Pai está espalhado por toda a Terra e os homens não o vêem" (Ió-gion 113).

Alguns dos ensinamentos do "Evangelho de Tomé", já citados, encontram paralelos nos textos canônicos: (2)

Evto 3 Lc XVII, 21; Rm X, 6-8; cf. Dt XXX, 11-14

Evto 6 Mt VI, 1-18; VII, 12; X, 26

Evto 25 Mt XIX, 19; XXII, 39

Evto 66 Mt XXI, 42; Sl CXVIII, 22-23; cf. I Pd II, 4-6

Evto 113 Lc XVII, 20-21

NOTAS

1. Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto", pp. 243-256.
2. Kuntzmann, Raymond e Dubois, Jean-Daniel – "Nag Hammadi: o Evangelho de Tomé". São Paulo, Paulinas, 1990, pp. 50-61.

"Jesus disse: – Ame seu irmão como à sua própria alma; vele por ele como pela menina dos seus olhos" (Ió-gion 25).

"Jesus disse: – Estive no meio do mundo e me manifestei a eles na carne. Encontrei-os a todos bêbados e nenhum deles com sede; e minha alma sofreu pelos filhos dos homens, pois eles são cegos em seus corações e não enxergam que vieram ao mundo vazios e vazios procuram sair do mundo. Agora estão bêbados e só se arrependerão quando abandonarem o vinho" (Ió-gion 28).

"Seus discípulos disseram: – Em que dia te revelará a nós e em que dia te veremos? Jesus disse: – Quando vocês se despirem e não se sentirem envergonhados, tirarem suas roupas e as colocarem sob os pés, como as crianças, e pisarem nelas; então vocês verão o Filho do Deus Vivo e nada temerão" (Ió-gion 37).

"Jesus disse: – Sejam transeuntes" (Ió-gion 42).

"Jesus disse: – Mostrem-me a pedra que os construtores rejeitaram – ela é a pedra angular" (Ió-gion 66).

"Seus discípulos lhe disseram: – Em que dia virá o Reino? Jesus disse: – Não será percebido quando vier. Não se dirá: ei-lo aqui, ou ei-lo ali; mas o Reino do Pai está espalhado por toda a Terra e os homens não o vêem" (Ió-gion 113).

Alguns dos ensinamentos do "Evangelho de Tomé", já citados, encontram paralelos nos textos canônicos: (2)

Evto 3 Lc XVII, 21; Rm X, 6-8; cf. Dt XXX, 11-14

Evto 6 Mt VI, 1-18; VII, 12; X, 26

Evto 25 Mt XIX, 19; XXII, 39

Evto 66 Mt XXI, 42; Sl CXVIII, 22-23; cf. I Pd II, 4-6

Evto 113 Lc XVII, 20-21

NOTAS

1. Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto", pp. 243-256.
2. Kuntzmann, Raymond e Dubois, Jean-Daniel – "Nag Hammadi: o Evangelho de Tomé". São Paulo, Paulinas, 1990, pp. 50-61.

BIBLIOGRAFIA

I – LIVROS

- "Almanaque Abril" – 17ª edição, São Paulo, Abril, 1991.
- Allegro, John M. – "O Povo Eleito". São Paulo, Três, 1976.
- Annequin, Guy – "As Civilizações do Mar Vermelho". Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1978.
- Antoniazzi, Alberto e Cristiano, Henrique – "Cristianismo, 2000 Anos de Caminhada". 2ª edição, São Paulo, Ave Maria, 1988.
- "Bíblia Sagrada". 58ª edição, São Paulo, Ave Maria, 1987.
- Boscoli, João – "O Apocalipse Sem Véu". 1ª edição, Rio de Janeiro, edição do autor, 1983.
- Blavatsky, Helena Petrovna – "As Origens do Ritual na Igreja e na Maçonaria". São Paulo, Pensamento, s/d.
- Cohn, Haim – "O Julgamento de Jesus, O Nazareno". 2ª edição, Rio de Janeiro, Imago, 1990.
- Denis, Léon – "Cristianismo e Espiritismo". 8ª edição, Brasília, Federação Espírita Brasileira, 1987.
- "Didaqué". 3ª edição, São Paulo, Paulinas, 1992.

BIBLIOGRAFIA

- Donini, Ambrogio – "História do Cristianismo, das Origens a Justiniano". Lisboa, Edições 70, 1988.
- Drane, John William – "A Vida da Igreja Primitiva". São Paulo, Paulinas, 1985.
- Hurbult, Jesse Lyman – "História da Igreja Cristã". 5ª impressão, Venda Nova (MG), Vida, 1990.
- Kardec, Allan – "O Evangelho Segundo o Espiritismo". 94ª edição, Brasília, Federação Espírita Brasileira, 1986.
- Keller, Werner – "E a Bíblia Tinha Razão..." 11ª edição, São Paulo, Melhoramentos, 1981.
- Kuntzmann, Raymond e Dubois, Jean-Daniel – "Nag Hammadi: O Evangelho de Tomé". São Paulo, Paulinas, 1990.
- Läpple, Alfred – "A Bíblia Hoje: Documentação de História, Geografia e Arqueologia". 4ª edição, São Paulo, Paulinas, 1988.
- Lassus, Jean – "Cristandade Clássica e Bizantina" (Coleção O Mundo da Arte). Rio de Janeiro, José Olímpio/Expressão e Cultura, s/d.
- Leeuw, J. J. Van Der – "A Dramática História da Fé Cristã". 1ª edição, São Paulo, Pensamento, 1987.
- Millecco Filho, Luiz Antônio e Nunes Filho, Americo Domingos – "Cartas a Um Sacerdote". 1ª edição, Capivari (SP), Mensagem de Esperança, 1992.

- Miranda, Hermínio C. – "Cristianismo, A Mensagem Esquecida". 1ª edição, Matão (SP), Clarim, 1988.
- Miranda, Hermínio C. – "O Evangelho de Tomé: Texto e Contexto". Niterói (RJ), Arte & Cultura, 1991.
- Nunes, Danilo – "Judas, Traidor ou Traído?" 4ª edição revista e aumentada, Rio de Janeiro, Record, 1989.
- Pagels, Elaine – "Adão, Eva e a Serpente". Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- Pagels, Elaine – "Os Evangelhos Gnósticos". 1ª edição, São Paulo, Cultrix, 1990.
- Pellistrandi, Stan-Michel – "O Cristianismo Primitivo". Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1978.
- Pires, J. Herculano – "Visão Espírita da Bíblia". 1ª edição, S. Bernardo do Campo (SP), Correio Fraternal do ABC, 1989.
- Rosa de Luna, Mario – "O Simbolismo das Religiões". São Paulo, Siciliano, 1990.
- Schiavo, José – "Dicionário de Personagens Bíblicos". Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.
- Schonfield, Hugh – "A Odisséia dos Essênios". São Paulo, Mercurio, 1991.
- Sitchin, Zecharia – "A Escada para o Céu". 1ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1991.

Voltaire – "Dicionário Filosófico". Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.

II – ARTIGOS

"Ensinavam os Pais Apostólicos a Doutrina da Trindade?" – artigo publicado na revista "A Sentinela", Vol. 113, Nº 3, de 1º de fevereiro de 1992.

Godoy, Paulo Alves – "É Discutível Dizer que Pedro esteve em Roma. Paulo, Sim." – artigo publicado no jornal "O Semeador", na 1ª quinzena de outubro de 1988.

Holst, Ulrich – "Crise na Igreja: O Avanço do Esoterismo" – artigo publicado na revista "Planeta", nº 221, de fevereiro de 1991.

Jack, Alex – "Jesus, Um Iniciado Essênio" – artigo publicado na revista "Planeta", edição especial "Grandes Enigmas", Nº 149-A, de fevereiro de 1985.

Sheler, Jeffrey e Horn, Mirian – "Autoria da Bíblia: Polêmica resiste ao Tempo"; artigo publicado no jornal "O Globo", de 23 de dezembro de 1990.

Toledo, Roberto Pompeu de – "O Jesus da História"; artigo publicado na revista "Veja", nº 1267, de 23 de dezembro de 1992.

**OUTRAS OBRAS EDITADAS PELO
DEPTº EDITORIAL DO CELD**

GASTON LUCE

LÉON DENIS - SUA VIDA, SUA OBRA

HENRI REGNAULT

LÉON DENIS E A EXPERIÊNCIA ESPÍRITA

HENRI REGNAULT/PAUL BOUDIER

VIDA E OBRA DE GABRIEL DELANNE

HERMÍNIO MIRANDA

HAHNEMANN - O Apóstolo da Medicina Espiritual

SWEDENBORG - Uma Análise Crítica

JOSÉ JORGE

ANTOLOGIA DO PERISPÍRITO

A DESENCARNAÇÃO DE LÉON DENIS

ILUSTRAÇÕES DOUTRINÁRIAS

ÍNDICE REMISSIVO DE "O LIVRO DOS ESPÍRITOS"

(Volumes I, II e III)

LÉON DENIS

O ESPIRITISMO E O CLERO CATÓLICO

ESPÍRITOS E MÉDIUNS

Pinheiro Martins nos traz neste livro uma pesquisa séria e enriquecedora para todos os que se dedicam a conhecer e entender o Evangelho de Jesus.

Trata-se de uma obra que contribuirá para a compreensão de alguns aspectos sócio-culturais daquela época que muito influenciaram na formação do Novo Testamento.